

Edição especial

# COPA DO MUNDO 2010

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

# ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, JUNHO DE 2010 - ANO XXVIII, Nº 3

Especial

## Por trás das cinco estrelas

A política, a economia, as crises, os favorecimentos, os fatos. O contexto e a análise dos anos de glória do futebol brasileiro.

Política

## Nem sempre o futebol é o mais importante nas Copas

Alguns jogos entraram para história pelo cenário político fora de campo.

Entrevista

## Cacau Menezes está em Joanesburgo

O colunista do Grupo RBS, que está em sua sexta Copa do Mundo, comenta os novos desafios na cobertura do maior evento esportivo do planeta.

## 2006



O esperado show do quadrado mágico brasileiro, composto por Kaká, Ronaldinho, Adriano e **Ronaldo**, deu lugar ao constrangimento pelas formas arredondadas deste último. A chegada do astro acima do peso à Alemanha era uma versão em mais carne que osso de uma linha do trabalho do colombiano **Fernando Botero**: o inchaço dos corpos de figuras, criticando de forma satírica seus egos inflados e inconsequentes. Não que não pudesse haver beleza na gordura, já que Ronaldo marcou três gols e se tornou o maior artilheiro da história das Copas. Pouco, porém, para levar o Brasil além das quartas, deixando o título com os esbeltos italianos.

A Copa do Mundo fugiu pela primeira vez do eixo Europa-América, aportando na Ásia – **Japão e Coreia do Sul** foram os anfitriões. O ocidente entrou em contato com uma nova forma de ver o futebol, encantando-se com o mar vermelho da torcida coreana, que empurrou seu desacreditado time até a semifinal. O Japão não foi tão longe, mas viu a explosão mundial da sua cultura a partir dos anos 2000, com termos como mangá, **anime**, toy-art, cosplay e, por que não, sushi sendo incorporados ao vocabulário pop. Além disso, em 2010, você provavelmente irá no seu carro coreano até a casa de um amigo ver os jogos numa TV japonesa. Ou vice-versa, né?

## 2002



# Destaques da edição



## Brasil e África do Sul enfrentam desafios parecidos

Além dos dois países sedes da Copa do Mundo possuírem semelhanças históricas e sociais, ambos lutam contra problemas de infraestrutura, transporte e criminalidade similares.

página 4

## Os problemas econômicos de sediar um grande evento

Dois anos depois de receber a Copa do Mundo, o Brasil também será palco dos Jogos Olímpicos. O retorno do investimento pode não ser aquele que esperamos.

página 5



## Uma religião que explica o regime do apartheid

Como o fundamentalismo religioso dos africanos ditou a política na África do Sul, resultando em 42 anos de opressão, desigualdade e racismo.

página 11

## Brasileiros que detestam a Copa: sim, eles existem!

Para algumas pessoas, os próximos 30 dias serão um verdadeiro inferno. Confira o que elas pensam sobre o evento mais aguardado do ano no país e o que pretendem fazer para fugir dessa febre.

página 12



## Copa e tendências da moda se encontram na África do Sul

Além do torneio de futebol, Joanesburgo também será sede do Africa Fashion Week. Moda do continente se espalha pelo mundo e inspira artistas.

página 15

## EDITORIAL

# Zero em ritmo de Copa

Meses antes de começar a Copa do Mundo, o assunto já estava nas páginas de todos os jornais e na programação de todas as emissoras de rádio e televisão. A cobertura é baseada no cotidiano das seleções, no encadeamento dos grupos, nas listas de jogadores convocados, nos possíveis grandes confrontos, no ambiente que espera as delegações. Enfim, é a cobertura padrão, que tem de ser feita. Uma enxurrada de informações para você, leitor. Por que então dedicar uma edição inteira do Zero, jornal conhecido por sua inovação e combatividade, a um assunto tão batido?

Decidimos entrar nessa, primeiramente, porque Copa do Mundo de futebol, mais do que nunca, é sinônimo de festa. E o que não falta em nossa redação é gente disposta a participar de uma boa festa. Esta é uma Copa única, a primeira em solo africano. Está sendo disputada em um país marcado até pouco tempo pelo apartheid, política segregacionista que tem suas raízes na religião, como mostra a matéria de Nathalia Carlesso. Queremos mostrar para você, leitor, aquilo que não foi dado na imprensa tradicional. E isso, voltando à questão da escolha, sempre foi um dos pilares de nosso querido jornal laboratório.

Para começar, nada de capa e contracapa tradicionais. Nós que

remos é saber de futebol-arte. Mergulhe nas páginas internas e descubra como a Copa se encontra com a moda, quais são os desafios que nós, brasileiros, vamos encontrar daqui quatro anos, quando chegará a nossa vez de sediar um evento de tal porte. Para ajudar a assimilar tudo isso, nada melhor que compreender como o futebol explica o mundo.

Leia a resenha de nossa repórter Mariana Porto e descubra como 22 machos correndo atrás de uma bola pode nos fazer entender muitas coisas.

“Mas, e eu que odeio futebol?”, deve estar se perguntando o nosso leitor que compõe um quarto da população do país, segundo as pesquisas. Calma, o mundo não está perdido. Preparamos uma parte especialmente para você. Vá para a página 12 e veja que temos repórteres com preferências iguais as suas contribuindo nesta edição. E para a felicidade da mulherada também separamos uma página com os musos do torneio.

Nas páginas centrais, o “filé mignon” do jornalismo, uma linha do tempo mostra o contexto histórico das edições em que conquistamos nossas cinco estrelas. A esperança é de que possamos vir para 2014 com mais uma estrela no peito. Confira aqui ao lado onde encontrar cada uma de nossas reportagens. Boa leitura e boa torcida!

Nas páginas centrais, o “filé mignon” do jornalismo, uma linha do tempo mostra o contexto histórico das edições em que conquistamos nossas cinco estrelas. A esperança é de que possamos vir para 2014 com mais uma estrela no peito. Confira aqui ao lado onde encontrar cada uma de nossas reportagens. Boa leitura e boa torcida!



\*\*\*\*\*  
**ZERO**

JORNAL LABORATÓRIO ZERO  
Ano XXVIII - Nº 2 - Junho de 2010  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC  
Fechamento: 14 de junho

Curso de Jornalismo - CCE - UFSC - Trindade  
Florianópolis - CEP 88040-900

\*\*\*\*\* ★ ★

Melhor Peça Gráfica  
I, II, III, IV, V e XI Set Universitário / PUC-RS  
(1988, 89, 90, 91, 92 e 98)  
Melhor Jornal-Laboratório no I Prêmio Foca  
Sindicato dos Jornalistas de SC 2000  
3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil  
EXPOCOM 1994

Tel.: (48) 3721-6599/3721-9490  
Site: www.zero.ufsc.br E-mail: zero@cce.ufsc.br

**REDAÇÃO** Alessandra Lopes Flores, Ana Clara Montez, Bruno Volpato, Daniela Ferreira, Felipe Machado, Felipe Sato, Fernanda Burigo, Francisco Dantas, Marcone Tavella, Maria Luiza Gil, Mariana Porto, Nathalia Vieira Carlesso, Rafael Balbinotti, Rafael Hertel, Rayani Santos, Verônica Lemus  
**EDIÇÃO Capa e Contracapa** Bruno Volpato **Opinião** Leonardo Gorges **Entrevista** Bruno Volpato **Impasses** Cinthia Raasch **Economia** Gabriela Cabral **C&T** Daniel Ludwig **Especial** Alessandra Flores e Maria Luiza Gil **Política** Marcone Tavella **Exportação** Luiza Fregapani **Sociedade** Alessandra Tavella **Do Contra** Mariana Porto **Cultura** Cinthia Raasch, Mariana Porto **Beleza** Natália Izidoro **Moda** Natália Izidoro **Imagem** Fábio Queiroz, Felipe Machado, Nathale Ethel Fragnani **FOTOGRAFIA** Carolina Dantas **EDITORAÇÃO** Alessandra Flores, Ana Clara Montez, Cinthia Raasch, Daniel Ludwig, Felipe Machado, Fernanda Burigo, Jacqueline de Carvalho Moreno, Joice Balboa, Marcone Tavella, Maria Luiza Gil, Mariana Porto, Marina Martini Lopes, Natália Izidoro, Nathale Ethel Fragnani, Nathalia Vieira Carlesso **INFOGRAFIA** Maria Luiza Gil, Rogério Moreira Júnior **PROFESSOR-COORDENADOR** Jorge Kanehide Ijuim MTb/SP 14.543 **COORDENAÇÃO GRÁFICA** Sandro Lauri Galarça MTb/RS 8357 **MONITORIA** Gabriela Cabral, Juliana Passos **APOIO PEDAGÓGICO** Gabrielle Bittelbrun **IMPRESSÃO** Diário Catarinense **CIRCULAÇÃO** Nacional **TIRAGEM** 5.000 exemplares

ZERO

Fotos: Carolina Dantas

# Um manezinho na África

Com 54 anos, colunista do Grupo RBS, em Florianópolis, Cacau Menezes está em sua quarta Copa do Mundo como enviado especial. Com a missão de produzir diariamente material para rádio, TV, impresso e *online*, o manezinho fala sobre os desafios da cobertura, critica a falta de *playboys* no elenco de Dunga e comenta as condições brasileiras para sediar o evento em 2014

## ZERO: Quantas Copas do Mundo você já cobriu?

Assisti à Copa da Espanha em 1982, mas, mesmo já estando na RBS, não trabalhei. Fui como turista e foi a melhor viagem da minha vida. Depois fui à Itália (1990), também como turista. Comecei a trabalhar na Copa dos Estados Unidos (1994) e, em 1998, fui para a França. Me deixaram de fora no Japão e Coreia do Sul (2002). Voltei a ser convocado em 2006, na Alemanha, e agora vou para a África do Sul.

## Qual foi o melhor Mundial para você?

Sem dúvidas foi o da Espanha, em 1982. O time era excelente e eu um jovem mochileiro.

## E qual é a sua melhor lembrança de Copa do Mundo? E a pior?

São muitas boas lembranças. Até pensei em escrever um livro. Já fiz o diabo em Copas. A pior foi perder para a Itália, em Barcelona, e voltar pra casa andando do estádio até o hotel uniformizado de brasileiro, vendo a festa dos italianos. Foi um dia triste, que contrastou com uma viagem de pura alegria.

## Qual vai ser o seu trabalho na África do Sul?

Vou fazer boletins para as rádios Atlântida e CBN Diário, a minha coluna, o *blog*, o Jornal do Almoço e algumas participações no RBS Notícias e no *Prezinho Básico*, para os dois estados. Tudo isso sem falar a língua dos homens. Tá com pena de mim, *brother*?

## Como será o seu dia-a-dia? Qual é o planejamento?

Me preocupo em cumprir os horários, escrever, procurar notícia boa, filmar, editar, correr atrás de pautas, buscar o diferente. Vai ser estressante, mas divertido. Copa do Mundo é um desafio, mas não prometo nada de especial. Na verdade estou procurando ainda não viver torneio. Vou deixar a Copa para quando ela começar.

## Seu trabalho na África do Sul inclui procurar opções de lazer?

O meu trabalho sempre esteve ligado ao lazer porque trabalho me divertindo. Sempre procuro por música, pessoas, bares, praças, eventos, festas.... Essa é a minha vida.

## As notícias sobre a falta de segurança no país sede te preocupam?

Tenho recebido informações de Joanesburgo nada tranquilas. Vamos para a guerra, tentando fugir dos assaltos a cada instante. Acho que teremos segurança no hotel e nos estádios, o resto vai ser loteria. Mas saberemos onde pisar.

## Como fica a sua coluna no Diário Catari-

## nense durante o evento? E a participação no Jornal do Almoço?

O *Jornal do Almoço* será reduzido, pois haverá muitos jogos no horário. Mas vamos entrar diariamente. A prioridade é a Copa e a empresa investiu R\$ 4 milhões para nos ter lá. No *DC*, muitas novidades: o jornal está mais charmoso e criativo. Vai surpreender com uma cobertura digna dos grandes jornais.

## O que muda, em relação às outras Copas, na estrutura que o Grupo RBS está levando para esta edição?

Muda quase tudo. Agora será a Copa da Internet. Imagens para televisão, *blogs*, *clickRBS*, colunas, textos, rádios, Skype, tudo é muito moderno e pela Internet. Reforçamos a cozinha. Teremos novos equipamentos e mais operadores de câmera e técnicos. Foi montado um estúdio próprio, no mesmo espaço físico da Globo, no Centro de Imprensa de Joanesburgo. É um lugar onde eu gosto muito de estar, depois dos estádios.

Ali estão os jornalistas do mundo todo, é um show de tecnologia e ostentação. A gente só em ver já se assusta, mas é maravilhoso. A RBS terá a segunda maior equipe de imprensa do Brasil na África.

## Quantas pessoas da RBS vão trabalhar na Copa do Mundo de 2010?

O grupo todo tem 22 membros. Nossa retaguarda terá pelo menos 200 profissionais, nos dois estados e no mundo todo.

## Como você consegue cobrir uma Copa sem ter conhecimento de línguas como o inglês e o espanhol, por exemplo? Passou por alguma dificuldade quanto a isso?

O futebol não tem língua. Meu público é o brasileiro. E quem tem boca vai a Roma. No meu caso, estou indo à Copa. É muito mais difícil, mas não é impossível. Já provei isso.

## Qual é a relação da imprensa com a CBF e com a Seleção Brasileira durante uma Copa do Mundo?

Muito ruim. Privilégio é para a Rede Globo. Dunga não gosta dos jornalistas que não gostam do Dunga e, pelo visto, não haverá abertura. O presidente Ricardo Teixeira manda pouco no time. Vai ser difícil trabalhar, mas é nessas condições que os profissionais se diferenciam. Quanto mais difícil, melhor é para o bom jor-

nalista. Mas, no futebol, o fator opinião ajuda muito. Na falta de notícias, a turma costuma dar opinião. É o que todo brasileiro faz com maestria. Aqui somos todos técnicos, torcedores e corneteiros.

## Como você analisa a Seleção Brasileira que vai para a África?

O Brasil sempre bota medo nos adversários e sempre é o favorito. Vamos com um time de pegada, mas eu preferia a pegada mesclada com a molecagem, e habilidade. Neymar, Ganso e Ronaldinho Gaúcho estariam no meu time. Vão fazer falta. Temos muitos operários, mas precisamos de alguns *playboys*.

## De que forma você torce pela Seleção Brasileira?

Sou um torcedor crítico. Vaio quando o time não está jogando bem, as mudanças erradas do técnico, a falta de empenho de alguns craques, mas grito e pulo com um gol bonito e uma vitória convincente. Sou louco pela Seleção. Na hora do título, como

em 94, sai de cena e fiquei sozinho chorando, refletindo, dando a missão como cumprida.

## Tem alguma coisa que você sempre leva para as Copas? Algum objeto? Alguma superstição?

Nada. Vou com um *notebook* e com Deus.

## Você considera o Brasil pronto para sediar uma Copa do Mundo? E você espera cobrir a Copa de 2014?

Vai ficar pronto na hora certa. Se a África fez, podemos também. O que precisamos é de estádios e segurança pública, o resto já temos: torcedores apaixonados, mulheres lindas, espírito festeiro e tara por futebol. Somos da terra do rei Pelé, da batucada, da cachaça, do café e do Maracanã. Quanto a cobri-la... Espero estar vivo. Prometi que levaria meu filho (Manoel) a uma Copa do Mundo.

## Como você analisa a ausência de Florianópolis entre as sedes do mundial?

Um erro de avaliação da Fifa, que deixou de fora a cidade mais querida do Brasil. Ao mesmo tempo um prêmio ao descaso com que o assunto foi tratado por nossas autoridades.

Marcane Tavella

marconetavella@zero.ufsc.br

Para Cacau Menezes faltam *playboys* no elenco da Seleção de Dunga

ZERO

# Sedes enfrentam desafios semelhantes

Violência, falta de infraestrutura e transporte deficitário são problemas comuns entre África do Sul e Brasil para Copa

A escolha da África do Sul para sediar o mundial de 2010 foi um marco histórico. Pela primeira vez a Copa vai acontecer em um país africano. A conquista foi fruto da alternância entre os continentes na escolha das sedes, procedimento extinto pela Fifa em 2007. Segundo o presidente da entidade, Joseph S. Blatter, "sem a adoção do princípio do rodízio isso nunca teria sido possível. Demorou muito, mas finalmente faremos justiça ao continente africano por tudo o que ele fez pelo futebol no passado". Um dos motivos para o fim da rotação seria a candidatura única do Brasil para a Copa de 2014, que deveria ter concorrido com outros países da América do Sul. O último país "pobre" a sediar o evento foi o México, em 1986; nos anos seguintes a competição passou por Itália, Estados Unidos, França, Coreia/Japão e Alemanha.

A campanha da África do Sul para sediar o mundial de 2010 começou após a derrota para receber a Copa de 2006. Na época, o país perdeu por 12 votos a 11 para a Alemanha. Foi uma eleição controversa, porque a Nova Zelândia se absteve, o que ocasionou a vitória do país europeu. Caso ocorresse um empate, a decisão caberia a Blatter, que era favorável à nação africana. O revés do país africano motivou a Fifa a instituir o rodízio. Na eleição seguinte, para a Copa de 2010, que de antemão se sabia que ocorreria no continente africano, concorreram África do Sul, Marrocos e Egito. No dia 15 de maio de 2004, o presidente da Fifa anunciou que o país de Nelson Mandela seria a sede do mundial. A África do Sul recebeu 14 votos, contra dez recebidos pelo Marrocos e nenhum pelo Egito.

## Semelhanças

Enquanto a África do Sul possui 50 milhões de habitantes, o Brasil possui 193 milhões. Ambos foram colonizados por europeus; o primeiro por ingleses, holandeses, alemães e franceses, entre outros povos, e o segundo por portu-



Soccer City, em Joanesburgo, que saiu por R\$ 800 milhões, passou 112% do orçamento. Todos os estádios juntos custaram dez vezes mais que o previsto.

ses. Os dois países passaram na história recente por momentos políticos conturbados. O Brasil pela ditadura militar, entre 1964 e 1985. A África do Sul pelo Apartheid, entre 1948 e 1994. Os dois acontecimentos se assemelham na violência e repressão.

Tanto o Brasil quanto a África do Sul são líderes econômicos em suas regiões. Apesar disso, as duas nações enfrentam dificuldades em comum, como as altas taxas de criminalidade (no Brasil entre os jovens de 15 a 24 anos a taxa de homicídios é de 27 por 100 mil habitantes, e na África do Sul 50 pessoas são assassinadas por dia), a distribuição de terras, problemas de infraestrutura relacionados ao transporte, entre outras.

Semelhanças também podem ser encontradas nos atuais presidentes. Coincidência ou não, ambos são de partidos historicamente ligados à esquerda, e se elegeram com promessas de melhorias sociais. Jacob Zuma é do Congresso Na-

cional Africano (ANC), partido de Nelson Mandela (1994-1999) e de Thabo Mbeki (2000-2009), e foi eleito pela população que estava esperançosa em relação à re- aproximação do partido com suas bases. Atualmente, tanto Luiz Inácio Lula da Silva como Zuma recebem críticas por não estarem tão à esquerda como alguns esperavam que estivessem. Lula, em seu último ano de governo, possui cerca de 80% de aprovação da população. E Jacob Zuma, de acordo com pesquisa realizada pela agência France Press em janeiro deste ano, foi avaliado com a nota 7,6 pela população, na qual o máximo era dez.

Entre as ações para conter a criminalidade, adotadas pelo país africano, está a criação de tribunais especiais para tratar dos casos com maior rapidez durante a Copa e a construção de celas em alguns estádios que serão utilizados no mundial, com o objetivo de deter as pessoas que cometerem delitos durante

os jogos. No Brasil, vai ser implantado o Programa Nacional de Segurança com Cidadania (Pronas). Tarso Genro já garantiu que o Ministério da Justiça vai fazer grandes investimentos na qualificação das polícias estaduais.

Outra questão que preocupou a África do Sul e que já incomoda o Brasil é o transporte. O primeiro investiu US\$ 2,6 bilhões no setor para colocar em funcionamento um sistema de ônibus rápidos, melhorar estradas e aeroportos, e construir um novo trem em Joanesburgo, o Gautrain, que foi inaugurado na terça-feira, 8.

O Brasil tem enfrentado várias crises no setor aéreo e com o aumento do fluxo de passageiros, que deve ser em torno de 4 milhões nos dois meses do evento, junho e julho, a tendência é que os problemas aumentem. O diretor da Infraero, Jaime Parreira, informou que a empresa vai investir R\$ 5,4 bilhões até 2014. Deste montante, 115 milhões serão em-

pregados na construção de 16 módulos operacionais provisórios. Estes podem ser transferidos para outros aeroportos e duram de 10 a 15 anos.

## Exigências

Estacionamento para 10 mil carros, visibilidade perfeita do campo para todos os torcedores, cobertura para estádios - localizados em cidades em que o clima é muito frio e úmido e onde há alta incidência de sol -, cabines de imprensa, rádio e televisão com localização central no estádio... As recomendações da Fifa não terminam por aqui, são 250 páginas de demandas. O caderno *Football stadiums: technical recommendations and requirements* foi elaborado em 2004 como guia de orientações para a construção e reforma dos estádios da Alemanha, sede da Copa em 2006. Além das exigências para os estádios, a Federação tem controle sobre tudo que circula no raio de um quilômetro em volta dos estádios onde serão realizados os jogos. Isso significa que apenas mercadorias e serviços oficiais podem ser comercializados nesses locais. E a entidade ganha porcentagem sobre tudo que é vendido.

Estas exigências causaram algumas contestações no Brasil. O secretário de Esportes, Lazer e Recreação do município de São Paulo, Walter Feldman, ao argumentar que a abertura da Copa deveria ser no Morumbi, classificou as exigências da Federação como "faca no pescoço" e pouco democráticas. O secretário aproveitou a fala para justificar possíveis problemas da Copa de 2014: "Estive na África do Sul recentemente e as coisas são muito difíceis por lá. E a Fifa entendeu. Eles vão entender também que o Brasil é um país em crescimento".

Entre tantos desafios, fica a indagação: Compensa sediar a Copa do Mundo? A África do Sul, que esperava receber 500 mil turistas, conta com a previsão atual de visita de 300 mil. O país que, inicialmente, estimava gastar US\$ 450 milhões, já gastou mais de US\$ 6 bilhões. No Brasil, essas questões ainda são incertas. Mas já é possível fazer algumas previsões. Nos Jogos Pan-Americanos, em 2007, previu-se um gasto de R\$ 409 milhões pela União, estado e município do Rio de Janeiro. Porém, o evento ficou em R\$ 3,7 bilhões. A reforma do Maracanã, onde será a final da Copa, está orçada em R\$ 720 milhões, sendo que até março o custo previsto era de R\$ 600 milhões. A Secretaria Estadual de Obras, responsável pela licitação, justificou o aumento com o número de camarotes, que passaram de 88 para 110. Em 1999, foram gastos R\$ 100 milhões com a reforma do estádio, e para o Pan, mais R\$ 200 milhões.

Rayani Mariano e Francisco Dantas  
rayanimar@hotmail.com  
fjgdantas@gmail.com

## Ações nacionais

### País vai investir 17 bilhões de reais para receber jogos do mundial de 2014

A quatro anos do mundial de futebol no Brasil, o país se prepara para realizar "a melhor Copa do Mundo de todos os tempos", conforme afirmação do Ministério dos Esportes em seu site. Já estão previstos no país investimentos de 17 bilhões de reais em áreas como mobilidade urbana e instalações de estádios e arenas esportivas.

Em 14 de janeiro de 2010, através de decreto do presidente Lula, foi criado o Comitê Gestor da Copa do Mundo FIFA 2014 - CGCOPA 2014, que vai ser coordenado por Orlando Silva, ministro dos Esportes, além de ter a participação de mais 16 ministérios e outros órgãos. O objetivo do comitê é "definir, aprovar e supervisionar as ações previstas no Plano Estratégico das Ações do Governo Brasileiro para a realização da Copa". Este plano compreende um conjunto de ações governamentais voltado ao planejamento e execução das ações necessárias ao



Reforma do Maracanã vai custar em torno de R\$ 720 milhões

bom desenvolvimento do evento esportivo. As obras e empreendimentos nas cidades que irão receber

os jogos vão ser realizados com recursos dos governos federal, estadual e municipal, além de uma parcela vinda da iniciativa privada. Para permitir um controle social dos recursos públicos que vão ser investidos para a Copa, o Poder Executivo Federal, por meio da Controladoria-Geral da União, lançou o site "Copa 2014 - Transparência em 1º lugar" ([portaltransparencia.gov.br/copa2014](http://portaltransparencia.gov.br/copa2014)).

No site, o usuário pode encontrar o resumo do documento Matriz de Responsabilidades, que apresenta com detalhes os projetos para cada uma das doze cidades-sede, como a origem dos recursos, a responsabilidade pelas construções, além dos prazos de início e conclusão das obras. Por exemplo, para a reforma do estádio Beira-Rio, em Porto Alegre-RS, vão ser gastos R\$ 130 milhões. Já para reformar o Maracanã, no Rio de Janeiro, a previsão de custos é de R\$ 720 milhões. (FD e RM)

# A religião que fundamenta uma nação

A formação do povo africânder, sua doutrina e nacionalismo apontam as raízes do *apartheid* na África do Sul

Maior exportador de minérios do mundo, a África do Sul é frequentemente descrita como “um mundo em um país”. Destino de turistas, o país é notável pela diversidade em sua geografia e pela profunda desigualdade social – o segundo pior no ranking mundial da ONU, atrás apenas da Namíbia. Características à parte, nem o fato de sediar a próxima Copa do Mundo de Futebol é capaz de prevalecer quando o assunto é a África do Sul – o país tem sua história profundamente marcada pelo regime do *apartheid*.

A doutrina que legalizou a segregação e repugnância racial instituiu-se em 1948. Entretanto, suas raízes ideológicas estão dispersas ao longo da sequência de fatos que formou o seu povo e sua história. É impossível justificar um regime que, por exemplo, barrava o acesso de pessoas a determinadas áreas urbanas de acordo com a cor da pele, instituiu crime o casamento multirracial e, entre outros preceitos, proibia pessoas de diferentes raças a utilizar as mesmas instalações públicas. Entender como o preconceito tornou-se lei transpondo os limites dos mais básicos direitos humanos, porém, é essencial.

## Holandeses e britânicos

Em meio à expansão marítima europeia, no final da Idade Média, o litoral africano foi um ponto estratégico que servia de suporte para os navios em suas rotas marítimas. Colonizada pela Holanda, potência comercial e marítima no século XVIII, a África do Sul não despertou, a princípio, o interesse de sua metrópole. Com poucas famílias situadas no cabo do Cape – sudoeste do país, a colônia servia apenas como um entreposto.

A população desenvolveu-se ao longo dos anos, formando a nação dos africânderes – composta por descendentes de colonos franceses, alemães e holandeses, principalmente. A criação de gado e a agricultura, fonte de sustento deste povo, motivou a busca por terras férteis em um território com apenas 15% de campos cultiváveis. Esta procura tornou o choque com os africanos locais inevitável.

Em 1806, no panorama imperialista de disputas por territórios europeus, a Inglaterra partiu para a dominação do país, entrando em conflito tanto com os africânderes como com as tribos nativas. Os africânderes passaram da condição de colonialistas a de colonizados, perdendo o poder e os privilégios que desfrutavam. Insatisfeitos com as leis britânicas que davam direitos aos negros, eles se organizaram em caravanas e partiram rumo ao norte.

## Great Trek ou Grande Marcha

“Os escravos foram alçados ao mesmo nível dos cristãos, o que é contrário aos desígnios divinos e à ordem da natureza, que dividiu as raças de acordo com a cor da pele. Para qualquer cristão honesto, aquilo equivalia a ser posto de joelhos e ter os braços presos por correntes. Por isso preferimos partir, querendo manter nossa crença na pureza da raça.” O texto foi retirado do diário de Anna Steenkamp, em 1838, participante da primeira *Great Trek* ou Grande Marcha. O movimento durou vinte anos, tempo em que os africânderes viajavam em busca de um território para constituir sua nação – sem a influência dos ingleses. Além da apropriação de terras, a Grande Marcha tinha explicações religiosas, já que estavam convictos de que seu povo era especial e que Deus havia predestinado a África do Sul para sua nova pátria.

O movimento termina em 1910, com o acordo que formalizou a União Sul-africana, cujo governo é composto por seis africânderes e quatro ingleses – foi a mescla do nacionalismo africânder com a expansão econômica do capital britânico.

## Nação africânder

Eles são um fenômeno étnico e social na África. Em 1960, representavam menos de 12% da população total do Sul do país, entretanto, tinham todas as características requeridas para compor uma nação: unidos pela mesma língua – o *afrikaans*, ligados pelos mesmos laços culturais e históricos, além de possuírem uma religião própria, que determina a

forma de verem o mundo. Os africânderes criaram um tipo de calvinismo muito particular, imerso em dogmas, que originou a Igreja Reformada Holandesa.

Segundo o dogma da predestinação, por exemplo, Deus define uma ordem natural para o mundo que não pode ser mudada, a qual o homem já nasce bom ou mal. Os africânderes chegaram à África do Sul com a concepção de serem um povo superior, tocado por Deus, já que viviam na fé. Eram o oposto daquele mundo ao seu redor, de pagãos e, por isso, inferiores. A Bíblia, interpretada pelos africânderes, sustentava o raciocínio concebido por meio de suas parábolas e simbologias. O mau é constantemente relacionado com as trevas, o negro; e o bem é comparado à luz, ao claro, ao branco. Sob esse raciocínio moldava-se a compreensão que tinham das raças.

Outro dogma calvinista refere-se à questão do “povo escolhido”, baseado nele os africânderes defendiam que Deus



A família de africânderes em 1886, a tribo branca da África conhecidos como fazendeiros

os havia encaminhado para a África do Sul em busca de uma missão divina: defender o país para formar sua nação, onde viveriam seus filhos e netos. Concepção semelhante a do povo bíblico de Israel. O lema da convocação divina é repetido em toda a literatura africânder, bem como em seus discursos institucionais, nos sermões religiosos e comunicados políticos.

O lema de preservar a identidade de seu povo é defendido ao extremo, bem como o seu nacionalismo fanático e obsessivo. Ainda em 1660, Jan van Riebeeck, fundador da povoação no Cabo Cape que veio a originar os africânderes, ordenou que se construíssem cercas com a justificativa de proteger e isolar a cultura do seu povo dos africanos nativos.

Em 1948, os africânderes conquistaram legalmente o poder no país. O Partido Na-

cional, criado em 1912, foi constituído por líderes que estudaram na Alemanha governada por Adolf Hitler, e tinha como objetivo ‘proteger a integridade e a superioridade da raça e da cultura africânder’. A base ideológica do partido foi a religião existente desde o século XVII. Tais fundamentos deram origem ao regime do *apartheid*.

Nas palavras de A. B. Dupresh, teólogo africânder e participante do governo, constatamos o espírito fanático-religioso de todo um povo que manteve uma política de segregação racial por 42 anos: “se o nosso destino for morrer como Nação Branca, anunciamos ao mundo todo, em sua consciência e em nome da nação dos africânderes, que preferiremos desaparecer, como deseja Deus, que dirige o nosso destino, a cometer o suicídio que seria assumir o caminho da integração e assimilação com os negros. (...) Acreditamos que Deus, na Sua Grandeza, continua a zelar pelo destino da nossa nação. Preferimos morrer confiantes na predestinação a nos ligar aos negros, perdendo assim nossa singularidade e traindo a missão que Ele nos confiou”.

Nathalia Carlesso  
nathaliavcarlesso@gmail.com

## Personalidade

### A morte controversa do líder negro na luta contra o racismo

A relação entre Mandela e a luta contra o *apartheid* é tão forte que muitas vezes outros grandes líderes ficam em segundo plano. É o caso de Steve Biko. As circunstâncias de sua morte, em 1977, fizeram dele um mártir na luta pelos direitos dos negros na África do Sul e no mundo.

Desde muito jovem, Biko demonstrou interesse pelas questões raciais de seu país. Foi expulso de sua primeira escola por seu comportamento contestador e transferido para outra, católica, até começar a frequentar a faculdade de medicina. Durante esse período se engajou a grupos de estudantes que lutavam pelos direitos dos negros e, em 1969, fundou a Organização dos Estudantes Sul-Africanos, que provia assessoria legal e ajuda médica para comunidades negras carentes.

Em 1972 Biko participou da fundação da Convenção dos Povos Negros (Black Peoples Convention) que influenciou na criação de cerca de 70 grupos de consciência negra. Ao ser eleito o primeiro presidente da organização, terminou expulso da Universidade. O líder acreditava na ligação entre identidade, ação e mudança. Suas atividades *anti-apartheid* cresciam em intensidade e despertavam cada vez mais interesse. A primeira medida do governo racista foi decretar o banimento de Biko.



Biko morreu após sessão de interrogatórios

Isolado em sua cidade natal – Kings William’s Town, ele não podia conversar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, o que o impedia de fazer discursos. Suas falas, mesmo que ditas em caráter pessoal, não podiam ser reproduzidas de nenhuma forma. Assim mesmo, continuou trabalhando na clandestinidade e ajudou a criar o fundo Zimele, destinado a prisioneiros políticos e suas famílias.

O governo do *apartheid* se viu obrigado a tomar medidas mais rígidas. No período de agosto de 1975 a setembro de 1977, Biko foi detido quatro vezes para ser interrogado de acordo com as leis antiterrorismo. No dia 21 de agosto de 1977, Biko foi detido pela última vez. Depois de passar por vá-

rios interrogatórios, passou a ter um comportamento estranho e, segundo os policiais, “deixou de cooperar”. Os médicos que o examinaram, nu e atado a uma corrente de metal, perceberam uma lesão em sua cabeça, mas descartaram a possibilidade de dano neurológico. No entanto, ele continuava em um estado semiconsciente, e foi recomendada sua remoção para um hospital. Isso não aconteceu. Colocado no porta-malas de uma Land Rover, Biko fez uma viagem de 12 horas até a capital, Pretória. Algumas horas depois, deitado em sua cela e ainda sem roupas, o líder morreu por dano cerebral. Ninguém foi responsabilizado.

O mundo reagiu. Convertido em mártir, Biko passou a ser símbolo da causa negra. Sua história foi lembrada na canção de Peter Gabriel e no filme *Cry Freedom* – um Grito de Liberdade, de 1987. Inclusive no Brasil, seu nome continua lembrado e homenageado pelo Instituto Cultural Steve Biko, uma entidade sediada em Salvador e que desenvolve ações para a inclusão de estudantes negros nas universidades e no mercado de trabalho.

Daniela Ferreira  
danihfer@gmail.com

# Tecnologia evolui, mas não supera emoção de antigas transmissões

Em plena Copa 3D, o rádio ainda é a melhor opção para quem espera ouvir uma jogada decisiva em qualquer chute a gol

Neste ano, pela primeira vez uma Copa do Mundo será transmitida com a tecnologia 3D. Quem não possui o equipamento necessário para curtir a terceira dimensão, poderá ver os jogos do Brasil em algumas salas de cinema, que cobram ingressos de até R\$ 200 por sessão. Não é de hoje, entretanto, que o mundial chama a atenção pelas novidades tecnológicas. Desde as primeiras disputas internacionais, já havia o interesse dos que não podiam ir ao estádio e queriam acompanhar as partidas em casa, desde a época do rádio.

É pelo rádio que muitos brasileiros ainda acompanham as Copas do Mundo. Isso porque, mesmo na era televisiva, os torcedores não conseguem viver longe do velho companheiro. A professora de Radiojornalismo da UFSC, Valci Zuculoto, explica o fascínio desse meio. "O rádio é o teatro da mente, e a empolgação dos narradores faz com que os ouvintes vislumbrem de forma única o que acontece no estádio", explica. Há ainda os que não gostam de determinado narrador, preferindo ligar o aparelho e deixar a TV só com as imagens, sem o som. Para Zuculoto, a mobilidade, a velocidade de transmissão e a leveza dos equipamentos fazem com que o rádio seja uma ferramenta inigualável no jornalismo esportivo em qualquer parte do mundo.

Ao ouvir a narração da Copa de 50, o brasileiro pode sentir um pouco daquela angústia vivida pelos que lotaram o Maracanã. O silêncio após o gol do uruguaio Gígia deixa uma espécie de vazio no ouvinte, o que é diminuído na TV, uma vez que sempre se está olhando alguma imagem. Jogos acompanhados pelo rádio ganham em

intensidade e emoção. É uma experiência bem diferente da televisão, onde há certa frieza e impessoalidade por parte dos apresentadores.

O locutor de rádio parece um torcedor fanático, o que garante ao ouvinte um relato distinto do televisivo. Na telinha não há como aumentar um lance, pois quem narra deve ser mais fiel às jogadas. Mas, como o futebol é movido pela emoção e pela paixão, mesmo com o advento das transmissões digitais em 3D, o rádio ainda será um meio muito popular, pois consegue ser fiel aos sentimentos daquilo que ocorre num estádio de futebol, seja num simples jogo do estadual ou em uma semi-final de Copa do Mundo.

A partir da Copa de 54, tornou-se possível acompanhar jogos pela TV, mas não ao vivo. As transmissões diretas pela televisão começaram apenas no mundial da Inglaterra, em 1966. Já no Brasil, levariam ainda outros quatro anos até a novidade chegar. Em 1970, os brasileiros pela primeira vez puderam acompanhar em tempo real as jogadas mágicas de Tostão, Rivelino e Pelé. A partir de 1974, a camisa amarela da Seleção Brasileira deu as caras. Desde a Copa do México, o mundo já tinha TV e em cores, mas só no mundial seguinte ela chegou por aqui.

Em 2006, na Copa da Alemanha, já havia a transmissão em HDTV, ou alta definição, mas só agora, no mundial da África do Sul, é que ela chegou ao Brasil. Graças ao sinal digital, pode-se escolher ângulos para ver as jogadas e gravá-las instantaneamente para revê-las em um *replay* personalizado. Entretanto, o custo de um equipamento digital ainda é alto para os padrões brasileiros. Para Fernando Spanhol,

coordenador do programa de pós-graduação em TV Digital da UFSC, esse fato é normal, pois todo equipamento tem um tempo de maturação. Quando for produzido em escala, haverá redução do valor cobrado. O governo estuda ainda subsidiar o conversor de sinal digital, atualmente na casa dos R\$ 400, para algo em torno de R\$ 120, a fim de popularizar o serviço. Mas, mesmo quem comprar o conversor, não terá garantia de alta definição na sua casa, já que é necessário um televisor que possua o recurso.

Desde o início das discussões sobre a TV Digital, o Brasil parece estar sempre atrasado e com dificuldades para implementar esse tipo de tecnologia. Segundo o professor do departamento de Jornalismo da UFSC, Áureo Mafra de Moraes, um dos motivos é o próprio tipo de negócio televisivo característico do País, baseado nos índices de audiência, que acaba por frear qualquer novidade. "As redes de televisão não querem pôr em risco seu negócio e, por isso, a TV Digital é apresentada apenas como melhora na imagem e som, sem menção às possibilidades de multiprogramação e interação com o usuário", explica. Essa interação, no futuro, permitirá aos "técnicos" de futebol de plantão opinar sobre um lance duvidoso, em tempo real, diretamente para o locutor esportivo, que estará em uma sala virtual, onde poderá dialogar com os espectadores. Mas, até lá, o jeito é curtir a Jabulani rolar e suportar em silêncio os nem sempre pertinentes comentários de Galvão, Luciano do Valle, Falcão e Neto.

Rafael Balbinotti

rafael.balbinotti@hotmail.com.com

## Futuro

### Japão promete transmissão holográfica para Copa de 2022

Os aparelhos de televisão com tecnologia 3D só estarão disponíveis no mercado por aqui em 2011, mas, em 26 países do mundo, dentre eles o Brasil, é possível assistir os jogos em salas de cinema. Serão exibidos oito jogos ao todo, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Brasília, Belo Horizonte, Porto Alegre e Salvador. No entanto, devido a alta demanda, os ingressos estão a venda apenas para empresas.

É a tecnologia da TV Digital que permite as imagens em 3D e, embora ainda seja necessário o uso de óculos para obter o efeito de tridimen-

sionalidade, logo ele estará obsoleto. Ainda não se sabe qual será o país escolhido para a Copa de 2022, mas já se sabe da novidade que deverá estrear no evento caso o escolhido seja o Japão, candidato a sede: os hologramas em três dimensões. A holografia é um conceito criado em 1948 por Dennis Gabor, e possui diversas aplicações, a maioria em estudos científicos. Ela é considerada uma evolução da fotografia, que aplicada a transmissões esportivas permitirá um grau de realismo jamais visto.

Os japoneses pretendem capturar imagens

dos jogos em 360 graus com a utilização de 200 câmeras de alta definição, além de microfones para gravar os sons. As imagens seriam exibidas em 400 estádios no mundo todo, permitindo que milhões de espectadores assistam as partidas em hologramas projetados nos gramados dos estádios reais. O sistema, hoje em fase de desenvolvimento, utilizará energia limpa, através de painéis solares e pelo movimento gerado pela torcida no estádio. Resta saber se também irão projetar jornalistas, gândulas, técnicos e as corriqueiras invasões ao gramado. (R. B.)

## O Brasil e os Mundiais: do rádio ao 3D



1950 - Até essa data, a única forma de acompanhar o mundial era pelo rádio. As poucas imagens que existiam eram filmadas e de baixa qualidade – assim como a defesa da Seleção. Lembra daquele segundo gol do Uruguaí?



1966 - No mundial da Inglaterra, a rainha não precisava mais sair do palácio para ver sua seleção, pois já havia a transmissão ao vivo pela TV.



2006 - Na Alemanha, já era possível assistir os jogos em alta definição. Por aqui, no entanto, o Congresso ainda discutia qual padrão de TV digital deveria ser adotado – que acabou sendo o japonês.



2010 - A Jabulani vai estrear as transmissões em três dimensões da Copa, resta saber se a controversa Seleção do Dunga vai trazer o caneco. Desta vez não vai ter desculpa, cada lance estará detalhado como nunca antes. Imagina aquela ajudada de meia do Roberto Carlos em 3D. Assustador, não?

# Sediar evento esportivo é mau negócio

Lucro com a Copa do Mundo ou Jogos Olímpicos é baixo em relação ao investimento; o Brasil receberá ambos

O presidente Lula está confiante que organizar a Copa do Mundo de 2014 é uma oportunidade de mostrar o poder econômico do país. Além de ter declarado isso, um estudo encomendado pelo Ministério do Esporte confirma essa expectativa do governo, já que prevê a movimentação de R\$ 173 bilhões até o ano da competição. Esse valor é quase um décimo do total das riquezas produzidas no país em um ano. Orlando Silva, ministro do Esporte, também usa o apelo financeiro para justificar gastos bilionários. Segundo o ministro, os investimentos necessários, como incremento da infraestrutura de transportes, já estavam previstos — a Copa servirá apenas para impulsioná-los. Mas a experiência de outros países mostra que realizar Copa ou Jogos Olímpicos, como o Brasil fará em 2016, pode ser um mau negócio.

O anúncio da escolha da sede do mundial da Fifa, em 30 de outubro de 2007, animou o país. O Brasil não organizava a competição há quase seis décadas. Até mesmo o presidente da entidade, Joseph Blatter, disse ter se emocionado na ocasião. Forte também foi a comoção que tomou conta de muitos brasileiros quando o apelo de Lula desbancou o do presidente do país mais rico do mundo e de um rei europeu. O Comitê Olímpico Internacional escolheu, em setembro de 2009, o Rio de Janeiro como sede dos jogos, apesar do apoio pessoal de Barack Obama à candidatura de Chicago (EUA) e do rei Juan Carlos à de Madri (Espanha). Até então, o Brasil nunca havia recebido os Jogos e o evento olímpico de maior importância sediado na cidade havia sido os Jogos Pan-americanos de 2007.

O Pan do Rio recebeu elogios por sua qualidade e desempenho dos atletas nacionais. E críticas por estourar em mais de R\$ 3 bilhões o orçamento inicial. Os economistas Victor Matheson e Robert Baade, no livro Handbook on Economics of Sport (Manual da economia dos esportes, em tradução livre)

## A Fifa já garantiu seu lucro: todos os contratos dos patrocinadores oficiais para 2014 estão fechados há dois anos

consideram essas divergências como resultado da pressão de governos ansiosos por planos otimistas. Matheson adverte que os dirigentes devem “ver com cuidado qualquer estimativa de impacto econômico oferecida por entidades que tenham interesse em oferecer números inflados sobre os benefícios”. O custo das próximas Olimpíadas é atualmente quase cinco vezes o previsto inicialmente (de US\$ 2,63 bilhões para US\$ 13,66 bilhões). O fato gera discussão no governo inglês a pouco mais de dois anos da abertura dos jogos de Londres 2012.

O professor de economia da FGV e consultor da Pezco, Frederico Turolla,



A festa da comemoração pela escolha de Manaus como uma das 12 cidades-sede para o mundial de futebol é reflexo do tipo de retorno não-material que o país deve receber em 2014

concorda com o colega: “quem quer vender, tem interesse”. Segundo estudo da Pezco, seriam necessários no mínimo 18 anos para repor os gastos com reformas de estádios. Nesse caso, os clubes seriam os principais beneficiados pois contariam com dinheiro público através de financiamentos mais baratos que os de mercado para realizar as obras. Essa previsão é baseada no gasto bruto anual da população em jogos de futebol nas cidades-sede e não leva em conta a parcela dos lucros que cabe à Fifa, detentora dos direitos comerciais do evento.

A Fifa é a entidade privada que regulamenta os negócios e as regras do futebol no mundo inteiro. Todos os contratos com os principais patrocinadores oficiais de 2014 já estão fechados desde o ano retrasado. Participações nas vendas de material esportivo e a cessão dos direitos de transmissão de jogos na TV renderam cerca de US\$ 1 bilhão (perto de R\$ 1,8 bilhão em valores atuais) no ano passado. A expectativa é que os lucros dela no Brasil atinjam US\$ 3,8 bilhões. Para receber a Copa é necessário aceitar um caderno de exigências, mesmo que para isso seja preciso alterar as normas do país anfitrião. O presidente sancionou em maio deste ano leis que garantem isenção do ISS (Imposto Sobre Serviço) à Fifa e empresas que ela diz estarem envolvidas diretamente na organização do mundial. Os materiais conside-

rados necessários pela entidade também estão livres de impostos de importação, assim como todas as movimentações financeiras não são tributadas. O valor que o governo deixará de arrecadar é estimado pelo ministro do Esporte em pouco menos de R\$ 900 milhões.

Os direitos garantidos no “Caderno de Encargos” da Fifa incluem também o controle sobre os locais de jogos e seu entorno. Em matéria publicada na revista Piauí deste mês, Daniela Pinheiro relata que, para a Copa deste ano, todo tipo de comércio no raio de um quilômetro ao redor dos estádios tem que ser de material oficial. O bairro Athlone era sugestão da prefeitura da Cidade do Cabo para sediar um dos jogos da semifinal da edição de 2010 na África do Sul, que começou no dia 10 deste mês. Mas a expectativa de gerar empregos numa região pobre da segunda maior cidade do país africano foi frustrada por motivos estéticos. “Os bilhões de espectadores não querem ver favelas e pobreza pela televisão”, disse um inspetor da Fifa ao jornal inglês Mail & Guardian. A solução foi construir um estádio numa região nobre da cidade. Os postos de trabalho gerados para o mundial de 2010 são vistos com reticência pela maior central sindical da África do Sul, a Cosatu, que prevê que haverá 150 mil desempregados após o evento.

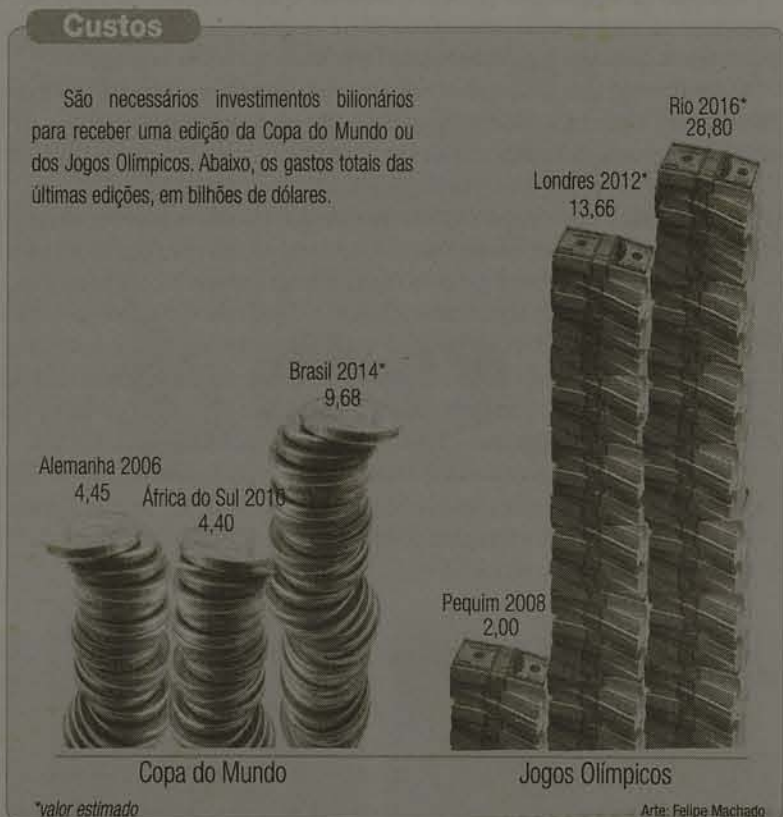
Outro benefício na defesa de ambos os jogos é o aumento do número de turistas, que gastam dinheiro quando estão por aqui. Mas para atingir o volume previsto pelas estimativas do Ministério do Esporte, de R\$ 9,4 milhões, seria necessário que o país recebesse, em pouco menos de um mês o mesmo número de

visitantes que viriam em um ano. Cada estrangeiro desembolsa em média cerca de US\$ 1.000 (R\$ 1.800) durante sua estadia. O Brasil recebeu no ano passado pouco mais de cinco milhões de turistas. Desde 1994, os países-sede receberam entre 400 e 500 mil visitantes extras, exceto pela Alemanha que contabilizou um aumento de dois milhões.

Mesmo com diferenças no número de países e atletas participantes, a última edição da Copa e dos Jogos Olímpicos tiveram resultados financeiros próximos. A Alemanha divulgou um lucro de € 135 milhões em 2006 a China € 125 milhões

em 2008. Para Turolla, considerando o tempo do investimento, ambas as competições são um “mau negócio”. Os ganhos chamados de “intangíveis”, como aumento da autoestima da população, são o maior lucro que podemos esperar nos próximos anos. O economista é um dos que vai se beneficiar disso, pois pretende acompanhar o evento como torcedor. “É um péssimo negócio, mas como já teve...” conclui rindo.

Felipe Machado  
felipemachado@zero.ufsc.br



# Entre crises, ditadura e futebol, Brasil é cinco vezes campeão

A Copa do Mundo foi criada pelo francês Jules Rimet, em 1928, após ter assumido o comando da Fifa. A primeira edição do campeonato foi realizada no Uruguai em 1930 e o próprio anfitrião sagrou-se campeão. Nas duas copas seguintes (1934 e 1938) a Itália ficou com o título. Entre os anos de 1942 e 1946, a competição foi suspensa devido ao início da Segunda Guerra Mundial. Em 1950, o Brasil foi sede da Copa. Com uma ótima equipe, a Seleção chegou à final contra o Uruguai. A partida foi realizada no recém construído Maracanã e teve um público de cerca de 200 mil espectadores. Um empate daria o título ao Brasil, porém a equipe uruguaia venceu por 2 a 1. A Suíça, em 1954, foi escolhida como sede, por não ter sido atingida pela Segunda Guerra. A Hungria chegou como favorita, mas a estreante Alemanha Ocidental ficou com o título.

Como relata Max Gehring em edição especial da revista Placar sobre a história do evento, "nas cinco primeiras copas, o Brasil acumulou mais desculpas do que glória. Em 1930 a Seleção era inferior, em 50 foi excesso de confiança, e em 34, 38 e 54 a culpa foi dos árbitros. Surgiu a teoria que a Seleção era talentosa, mas pouco confiável nas decisões. Os craques eram pouco sérios. Eis que surge Pelé, um craque diferenciado".

## Contexto Histórico

O mundo estava bipolarizado entre o capitalismo norte-americano e o socialismo soviético. Era a época da Guerra Fria, que travava uma corrida tecnológica e militar entre estes países.

Em meio ao auge da Guerra Fria, o mundo pôde assistir ao início de uma geração de ouro do Brasil. "O país vivia o auge do governo de Juscelino Kubitschek e experimentava um grande crescimento econômico e social. Foi o período mais democrático que o país viveu desde a proclamação da república", explica o autor do livro "Enciclopédia das Copas do Mundo", Luiz Fernando Baggio.

Com a semifinal acontecendo no dia de São João e a final no dia de São Pedro, no Brasil o clima já era de vitória. Juscelino mandou um avião presidencial para buscar a delegação em Portugal e escapar do tumulto dos fãs. Ao chegar em solo brasileiro, as Emissores Associadas desviaram o curso do carro de bombeiros onde desfilava a seleção. O destino original era o Palácio do Catete, mas os jogadores foram primeiro para a sede onde suas famílias os esperavam de surpresa. Só depois da meia noite é que a delegação conseguiu seguir para seu verdadeiro destino, onde foram recebidos pelo presidente. As rádios já tocavam a música "A taça do mundo é nossa, com brasileiro não há quem possa".

O México foi sede da Copa, e, devido a altitude os atletas deveriam chegar ao país com 20 dias de antecedência para adaptação orgânica. Nesse ano, a Fifa criou a Regra Três, permitindo a alteração do goleiro e dois jogadores. Ela virou música de Vinícius e Toquinho: "Tantas você fez que ela cansou/ Porque você, rapaz/ abusou da regra três". Entre 68 e 73 o Brasil foi o país que mais cresceu no mundo, com aumento de 89% do PIB. Era o "Milagre Econômico". Por outro lado, censura e torturas viraram medidas contra os "inimigos do regime", por isso pouca coisa era veiculada na mídia. Em março de 1969, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) escolheu João Saldanha d'O Globo - um jornalista crítico da seleção - para comandá-la. Ele venceu, nos cinco meses seguintes, as 13 partidas disputadas. Segundo o lobo 70% dos brasileiros o apoiavam, com exceção dos militares. "João era comunista e o Brasil vivia o auge da ditadura", explica Baggio. Em agosto de 69, Costa e Silva teve um derrame, e Emílio Garrastazu Médici - um militar linha-dura e fã de futebol - assumiu o poder. Um atrito começou quando João ouviu o boato que o presidente gostaria de ver Dadá na seleção. Depois de maus resultados e desentendimentos, Saldanha foi demitido 75 dias antes do mundial. Mario Jorge Lobo Zagalo assumiu e consentiu que a comissão técnica fosse militarizada, dando melhor preparo físico aos jogadores e corte de cabelo no estilo recruta. Para Gehring, a militarização garantiria o tri, pela disciplina e organização, e ainda faria bem ao governo.

Pela primeira vez a Copa foi transmitida ao vivo em preto e branco pela TV. Os sinais eram captados em Brasília, no Sudeste e no Sul. Na estreia da Seleção registrou-se recorde nacional de audiência em eventos esportivos e, na final, a marca mundial de 700 milhões de espectadores registrada no ano anterior, quando o homem pisou na Lua, foi igualada ao erguer da taça.

A Seleção foi recebida pelo presidente, militares, e uma multidão em frente ao Palácio do Planalto. A Caixa Econômica Federal deu a cada jogador 25 mil cruzeiros. Médici prometeu também concessão para explorar lojas da loteria esportiva, uma mina-de-dinheiro. Cada atleta ainda recebeu um Fusca do ex-prefeito de São Paulo, Paulo Maluf. "Se tivesse a consciência que tenho hoje, não aceitaria", arrepende-se o ex-atacante Tostão.

O Brasil, por ter sido tricampeão levou a taça Jules Rimet para a casa, guardando-a na sede da CBD, em um cofre de aço e vidro a prova de balas. Em dezembro de 1983 Sérgio Pereyra Alves, o Peralta, e dois comparsas roubaram-na. A taça foi quebrada para ser derretida. Os ladrões foram pegos e condenados, mas fugiram. A Fifa então deu ao Brasil uma réplica com os mesmos 1800 gramas de ouro, que está até hoje com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Quando a Copa foi para os EUA temia-se que os estádios ficassem vazios. Não havia tradição de soccer. Mas os recordes de público em copas foram batidos, com vendas de um milhão de ingressos a mais do que na edição anterior, na Itália. A delegação e convidados voltaram ao Brasil com 17 toneladas de produtos importados dos EUA. Depois da liberação apenas das bagagens de mão, Ricardo Teixeira, presidente da CBF teria condicionado o desfile dos jogadores à liberação das mercadorias. O dirigente pressionou os fiscais a liberarem a passagem sem o pagamento de impostos. Essa atitude trouxe prejuízos aos cofres públicos. No dia 1º de maio morreu em Ímola, na Itália, o piloto brasileiro Ayrton Senna. Ele sofreu um grave acidente durante a disputa do GP de San Marino de Fórmula 1. Após a conquista do tetra, os jogadores brasileiros carregaram uma faixa que dedicava o tetra a ele.

A Copa atravessou as transformações políticas e culturais dos anos 60. O mundo vivia a divisão dos mega-blocos da Guerra Fria e do Vietnã e via os países latino-americanos sob regimes militares.

O Chile se candidatou para sediar a Copa sob maus olhos dos delegados europeus que o julgavam pobre e sem estrutura. Quando o dirigente da candidatura, Carlos Dittborn, ganhava respeito, o país sofreu dois terremotos em 1960. O segundo - mais grave do mundo no século XX com 8,5 graus na escala Richter -, causou cinco mil mortes e desabrigou 25% da população. Dittborn disse: "Porque nada temos, lo baremos todo". A frase virou slogan da campanha e a Fifa lhe deu um voto de confiança.

Vivia-se uma crise no Brasil e o cargo de presidente estava ameaçado. A euforia pela conquista do bi ajudou a sustentar Jango no poder por mais 21 meses. O presidente se fez valer da imagem dos heróis brasileiros, associando-a à sua. "Jango era fotografado com Garrincha e tomando champanhe na taça Jules Rimet", lembra Marcos Guterman, doutor em História Social. Além das rádios (o rádio portátil foi febre no início dos anos 60), a Copa chegou às televisões do Brasil. O videoteipe saía do Chile e chegava aqui dois dias depois do jogo para os poucos que tinham TV em casa.

O mundo ainda estava chocada com os atentados de 11 de setembro de 2001, quando novos atos terroristas deixaram centenas de mortos em Bali (Indonésia) e Mombasa (Quênia).

Em abril, Hugo Chavez foi derrubado da presidência da Venezuela, retomando o poder em menos de 24 horas.

A Europa começa o ano de 2002 anunciando a chegada do Euro. No Brasil, com a desvalorização do real em 1999, as crises internacionais, o apagão de 2001 e o pequeno crescimento econômico no segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso, a oposição ganhou força, até que, em 2002, o ex-sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva se tornou presidente da República com mais de 53 milhões de votos. O pentacampeonato foi festejado no momento em que o Brasil já trilhava um caminho político e econômico estável.

## Futebol



**1958**  
A seleção brasileira foi para a Suécia sob descreditação torcida, devido aos fracassos nas copas anteriores. Entretanto, o resultado superou as expectativas, e o Brasil foi campeão sem perder um jogo, além de conquistar a maior goleada em uma final, vencendo a Suécia por 5 a 2.  
Pela primeira vez, seleções da África e da Ásia disputaram as eliminatórias, mas não conseguiram se classificar. Turquia e Sudão se recusaram a disputar com o time de Israel e a Indonésia decidiu não jogar em solo israelense. Assim, Israel quase se classifica sem ter que jogar. Mas uma regra não permitia isto, portanto, um confronto direto com Gales determinaria a equipe classificada. Gales venceu os dois jogos por 2 a 0.  
Esta foi a primeira copa de Garrincha e Pelé, que com apenas 17 anos, foi o jogador mais jovem da história a consagrar-se campeão. Nunca o Brasil perdeu um jogo quando os dois craques estavam em campo. Entretanto, segundo Baggio, o destaque daquele ano foi Didi, "um jogador excepcional que sabia dar o ritmo que o jogo precisava a cada momento, e foi considerado pela imprensa especializada da época o melhor jogador da Copa", afirma Baggio.

**1962**  
O Chile foi sede da Copa em que o Brasil conquistou seu bicampeonato, ao ganhar da seleção Tchecoslováquia por 3 a 1.  
Neste ano houve mudanças em algumas regras. Três dias antes do início do campeonato, a Fifa determinou que, a partir de 1966, um atleta só poderia jogar por outro país se um de seus pais tivesse nascido nele. Além disso, uma vez atuando em um jogo oficial com a camisa de uma seleção, independente de naturalizações, o atleta jamais poderia jogar com outra.  
Durante a Copa, a seleção perdeu sua maior estrela, Pelé se machucou logo no segundo jogo. Mas Garrincha assumiu a responsabilidade, tornando-se o melhor jogador da competição. O "ano das pernas tortas" foi o artilheiro do Brasil, ao lado de Vavá, com 4 gols marcados e só pôde participar da final após ter sido absolvido de uma expulsão.  
Com poucas mudanças em relação à 1958, a seleção brasileira estreou como grande favorita ao título e confirmou as expectativas, conquistando o título pela segunda vez consecutiva.

**1970**  
A Copa do México foi marcada pela qualidade de craques: Pelé, Torres, Gérson, Jairzinho, Tostão e Rivellino... A seleção brasileira vinha desamparada devido a má atuação em 1966, quando foi eliminada na primeira fase. Por isso, preparou-se muito bem para o mundial. "Nas eliminatórias o Brasil arrasou os adversários sul-americanos e obteve a vaga invicto", relata Baggio.  
Para adequar às transmissões e dinamizar o esporte, a Fifa introduziu o uso dos cartões amarelo e vermelho, e as substituições por jogo já na Copa de 70.  
Na final, o Brasil venceu a Itália por 4 a 1. Zagalo consagrou-se como o primeiro campeão mundial como jogador (58, 62) e como técnico (70). Pelé ganhou uma placa, que afirmava que o jogador é "um exemplo para a juventude do mundo". "O camisa 10 brasileiro corou sua última Copa com atuações inesquecíveis", comenta Baggio. Segundo o autor, vários lances em que Pelé não conseguiu marcar são até hoje mais lembrados e revistos mundo afora do que os gols que ele de fato marcou.  
Em 2007, a revista inglesa World Soccer, em pesquisa com especialistas de futebol de todo o mundo, elegeu a seleção brasileira de 1970, o maior time de todos os tempos. A Fifa e a imprensa também reconhecem o título.

**1994**  
A Copa dos Estados Unidos foi a primeira a ser decidida em disputa de pênaltis. Após o término do jogo sem gols entre Brasil e Itália, nossa Seleção marcou 3 a 2, nos pênaltis, tornando-se campeão pela quarta vez.  
O time do Brasil, liderado por Romário e dirigido pela dupla Parreira e Zagallo, foi para a Copa desacreditado, devido a difícil campanha nas eliminatórias. O técnico Carlos Alberto Parreira, auxiliado por Zagallo, coordenador técnico, estabeleceram um futebol consistente na marcação e com obediência tática. Desta forma, a Seleção conquistou o tetracampeonato através da dupla de ataque Romário e Bebeto, da experiência de Taffarel e de sua defesa, a menos vazada. Para Baggio, "a campanha brasileira em 94 não encantou aos torcedores como as anteriores, mas conseguiu conquistar o tão sonhado título". O autor ainda acrescenta que o craque daquele ano foi Romário, mas "outro jogador que merece destaque é o volante capitão Dunga que havia sido injustamente estigmatizado na Copa anterior e conseguiu resgatar sua imagem de jogador líder da equipe dentro de campo".  
A edição de 1994 marcou o décimo quinta participação da Seleção Brasileira nessa competição, com público recorde de mais de 3,5 milhões de pessoas.

**2002**  
A primeira Copa do século XXI foi, também, a primeira na Ásia e em dois países: Coreia do Sul e Japão. Nas eliminatórias, a França não marcou, acabou em último lugar e não se classificou, o que não acontecia desde 1966. Portugal e Argentina eram favoritos e também saíram na primeira fase. Já a Coreia do Sul chegou às semifinais com arbitragens ditas duvidosas. Foi a primeira vez em que uma seleção da Ásia chegou tão longe.  
O Brasil fez uma campanha irregular nas eliminatórias. Após críticas, a CBF contratou o técnico Luiz Felipe Scolari. Ele prometeu classificar a Seleção e ficar entre os quatro primeiros. "De temperamento forte, Felipe formou um time de sua confiança, que correspondia em campo. Comprou briga com a imprensa e a torcida ao não escalar Romário", relata Baggio. Felipe ainda convocou dois atletas lesionados: Rivaldo e Ronaldo. Surpreendentemente, ambos tiveram boas atuações. "O craque da Copa foi Ronaldo que deu a volta por cima quando poucos acreditavam. Ao marcar oito gols, tornou-se o artilheiro de todas as Copas."  
Invicto, o Brasil sagrou-se pentacampeão. Foi a primeira vez que a Seleção enfrentou a Alemanha em Copas do Mundo. Desde 1950, pelo menos um dos dois países jogaram finais, exceto em 1978, decidida entre Argentina e Holanda.





# Italiano? Só no passaporte

Brasil exporta milhares de jogadores de futebol, que nem sempre se adaptam ao novo lar

“Ô, Larissa! Me encontra na frente do bar do Spinoza, no Mercado Público, então”. Com essa frase vi que o papo com o Gilberto, o Giba, pai de Guilherme Siqueira, jogador de futebol na Itália, seguiria no melhor estilo maneirinho da Ilha. O jovem florianopolitano, meio de campo do Udinese, time da cidade italiana de Udine, tem 24 anos e começou sua carreira futebolística com nove, jogando futsal na Astel.

Siqueira é um dos cerca de cinco mil jogadores de futebol brasileiros que atuam hoje no exterior. “Ele começou pequeno. Sempre gostou. Quando a gente chegava do mercado, já ia lá pegar um pezinho de repolho para fazer embaixadinhas”. Depois de ter passado pelo Figueirense, pela seleção brasileira sub 15 e sub 17, Inter de Milão, Lazio e Ancona, Guilherme faz embaixadinhas em solos italianos, pensando na Copa de 2014.

O contato com familiares, amigos e namorada é constante. “Nos falamos praticamente todo dia pelo telefone e usamos muito a Internet”. O Udinese, onde também jogou Zico na década de 80, dá seis passagens anuais para Guilherme receber visitas ou visitar o Brasil. Vivendo no exterior desde 2004, a saudade parece ter sido amenizada



Guilherme Siqueira (de uniforme escuro) atua no Udinese, clube italiano da série A, desde 2006, mas foi transferido para o exterior em 2004

com o costume e a possibilidade de visitas mais frequentes. Para Giba, o início da separação foi difícil: “Antes era ele chorando lá e a gente chorando aqui”.

O jogador completou o ensino médio, mas sempre teve na cabeça o objetivo de ser atleta profissional. Para Giba, a educação e os laços familiares foram fundamentais para que o jogador não se deslumbrasse com as facilidades que

a grande quantidade de dinheiro que rola no mercado da bola proporcionam. “Tem uns que andam na ponta do pé. Nós temos conforto, segurança e alguns luxos, mas não deixamos que isso tudo desande”.

Entre um passe de bola com Adriano e uma Brahma gelada com Ronaldinho Gaúcho, previamente encomendada por este em seu restaurante, Guillher-

me e Giba pensam que a Itália não é só maravilhas. “Queria que ele fosse jogar na Espanha. Os italianos fazem muita ‘panelinha’ e são frios. Começam a falar uma espécie de idioma, o friulano, que é mais complicado que russo, e me tem o pau. Parece até jogo de truco”.

Larissa Cabral  
larissacabral@zero.ufsc.br

## Jogadores integram clubes no mundo todo

Da polêmica escalção brasileira para a Copa de 2010, apenas três jogadores atuam hoje no Brasil: Robinho, no Santos, Kléberson, no Flamengo e Gilberto, no Cruzeiro. Os outros 20 escalados jogam em clubes de países Europeus como Espanha, Itália, França. A transferência de jogadores para o exterior é constante e ocorre até para países com pouca tradição no esporte como Líbia, Uzbequistão e Vietnã.

Segundo a CBF, em 2009 o número de jogadores exportados chegou a 1017. A professora de Antropologia Carmen Rial, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), analisou esse processo migratório. O estudo, chamado “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”, foi realizado entre 2003 e 2009, com 40 jogadores brasileiros que viviam ou haviam morado e exercido sua profissão no exterior.

A exportação vai além da circulação de pessoas e dinheiro - que não é pouco, pois, segundo o Banco Central (BC), em 2006, o serviço rendeu US\$ 131 milhões de dólares - ela tem um grande impacto simbólico.

### Sempre brasileiros

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, estes emigrantes não passam a viver como milionários estrangeiros. Eles se vestem normalmente, comem comidas típicas daqui, assistem a programas de TV que nós assistimos



Ídolo do Flamengo, Zico jogou na Itália em 83

e ouvem músicas brazucas, inclusive evangélicas, religião adotada por quase todos os pesquisados.

Viajar entre fronteiras não significa necessariamente conhecer países. A rotina das viagens é prevista e controlada pelo clube, de modo que não resta muito tempo para se deslocar livremente. A circulação deles, portanto, ocorre em uma zona de não-lugares (aerportos, estádios, hotéis) e de lugares (a casa), marcados pelo consumo e estilo de vida brasileiro. Trata-se, portanto, de uma circulação imóvel, na medida em que se deslocam geograficamente sem se deslocarem simbolicamente.

Por essas características, eles poderiam ser chamados de transmigrantes

- “imigrantes que desenvolvem e mantêm relações múltiplas - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas - que cruzam fronteiras”.

Obter o passaporte do país muda o estatuto legal do jogador, mas não o sentimento. Trata-se, segundo Carmen Rial, de uma dupla-nacionalidade apenas legalmente: adquirir a nacionalidade do país de acolhida não significa adquirir sentimentos nacionalistas em relação a ele.

Este é o caso de Guilherme, que apesar de possuir cidadania italiana, morre de saudade do peixe pescado e preparado pelo pai. “Eu sempre levo algumas coisas para ele, na Itália. Um feijãozinho, lingüiça Blumenau, carne seca, temperos...” comenta o pai.

### Vai e volta

Assim como Robinho, escalado por Dunga e outros colegas, como Adriano e Ronaldo, muitos jogadores transferidos para clubes estrangeiros voltam ou desejam voltar a dar seus chutes e pedaladas no Brasil. De acordo com a CBF, em 2009, foram 707 retornos.

Se a volta acontece no auge da carreira, é sinal de não-adaptação, mas também pode ter outros motivos, como recuperação física e psicológica, aproximação com o técnico da seleção visando possível convocação e dar aos filhos nascidos fora uma experiência no aqui. Deste vai e vem todo surgiu

o termo “rodar”. Ele tem relação com a efemeridade das permanências nas instituições de trabalho e poderia explicar a manutenção do sentimento nacional.

### Quem são eles

O caçulismo é um termo que Carmen usa para perfilar os jogadores: a maioria deles é caçula. Segundo ela, esse fato confirma a idéia de que craque na família é projeto familiar, coletivo e de ascensão social.

Cerca de 90% dos pesquisados são de classes sociais baixas e apenas um deles era filho de pai médico e mãe professora. Durante a pesquisa, muitos reconheceram que *não passavam fome, mas passavam necessidade*. A maioria deles tinha apenas o primário, cerca de 10% conseguiram terminar o secundário e um se formou em curso superior.

Todos demonstraram consciência que a ascensão econômica só foi possível graças ao futebol, mas a atribuem a uma prerrogativa divina. A crença em Deus procura consolidar uma ética pessoal e estabelece laços de amizade com outros jogadores brasileiros.

De modo geral, os entrevistados na Espanha e Holanda recebem entre 400 mil e 3 milhões de euros/ano. A isso, devem-se somar prêmios por performances, o “direito de imagem”, pagos pelo clube para a exploração comercial de sua imagem. E contratos publicitários. (L.C)

## Emigração: questões legais e econômicas

O futebol promove forte circulação mundial de pessoas e dinheiro. Com a valorização dos jogadores no mercado exterior, a instauração de um fluxo migratório constante de jogadores brasileiros é inevitável. Ainda que apareça na mídia como algo inédito, este não é um fenômeno recente. A primeira leva de emigração futebolística ocorreu na década de 30, logo após a Copa do Mundo no Uruguai. O destino principal dos jogadores brasileiros foi a Itália, terra de origem de ancestrais da maioria dos atletas emigrantes, como Anfilóqui Guarisi Marques (Lazio) e, mais tarde na década de 50, Mazzola (Milan e Juventus).

Essa emigração se acelerou com a mudança da legislação da Europa pós-caso Bosman, que no Brasil ganhou o nome de Lei Pelé. O decreto foi emitido no dia 15 dezembro de 1995 e pôs fim à aplicação de cotas de jogadores europeus nos clubes da União Européia ou do espaço econômico europeu (países da União Européia mais Noruega, Islândia e Luxemburgo). Em terras verde-amarelas, a lei determinou o fim do “passe” e instituiu que o atleta passasse a ser um trabalhador com controle de sua força de trabalho.

### Nacionalizar é preciso

Segundo o Banco Central, em 2005 e 2006, as transferências de jogadores de futebol brasileiro para o exterior renderam mais dólares ao país do que as vendas de frutas tradicionais como banana, melão, mamão e uva. A relevância econômica também é decisiva para os clubes brasileiros. Essas vendas representam um importante aporte financeiro para conseguirem, por exemplo, manter o atual nível de salários de outros profissionais.

Existem fronteiras legais na maioria dos países europeus impedindo a performance simultânea de mais de quatro estrangeiros em um mesmo clube. Para que o mercado permaneça aberto, as nacionalizações tornam-se imprescindíveis. Elas não só permitem a vinda de mais um estrangeiro para o clube, como também proporcionam ao jogador alguns benefícios e impõe constrangimentos, como pagar o imposto de renda no país de acolhida (que no caso da Espanha, pode chegar a 43% dos rendimentos). (L.C)

# Quando o futebol foi um mero detalhe

Mais do que tecnicamente grandes partidas, alguns jogos entraram para história por seu contexto político

“Que incrível seria o jogo Estados Unidos x Inglaterra sendo transmitido ao vivo, com o estádio cheio, ao som de uma bomba explodindo nas arquibancadas. Todo o estádio virado de cabeça para baixo e o número de cadáveres entre as dezenas e centenas.” Essa frase, publicada pela revista *Mushtaqun Lel Jannah*, foi atribuída ao grupo terrorista Al Qaeda, liderado por Osama Bin Laden. Por isso, talvez o momento de maior tensão da Copa do Mundo de 2010 fosse o jogo entre Estados Unidos e Inglaterra, realizado no dia 12 de junho. Os países são considerados, pelos extremistas, inimigos do Islã. Porém, a partida, apitada pelo árbitro brasileiro Carlos Eugênio Simon, terminou empatada por 1 a 1 sem qualquer incidente, devido ao forte esquema de segurança feito antes do início da partida.

Outras Copas também foram marcadas por momentos de tensão. Em 1998, ano do “quase” título brasileiro na França, as nada tradicionais seleções de Estados Unidos e Irã se enfrentaram em campo em 98. Fora dos gramados, o presidente americano Bill Clinton chegou a anunciar que aquele jogo poderia ser um marco para uma possível reaproximação entre os dois países, que romperam suas relações políticas em 1979, após a revolução islâmica ocorrida no Irã. As divergências entre os países surgiram quando religiosos esquerdistas islâmicos assumiram o poder da então recém-proclamada república do Irã, consolidada com a deposição do Xá que governava o país, em regime monárquico autocrático.

As duas seleções entraram juntas – no estádio Stade de Gerland, em Lyon, no dia 21 de junho de 1998 – e posaram lado a lado para a tradicional fotografia que antecede as partidas de futebol, intercalando atletas dos dois países abraçados. Os iranianos – liderados pelo goleiro Abdezhadeh – entregaram flores brancas aos americanos e o jogo acabou sendo marcado pelo *fair-play*. Fora da partida, ocorreram várias manifestações de pessoas



Torcedor iraniano faz manifestação a favor da liberdade em seu país, antes do jogo contra os EUA, na Copa de 98

contrárias ao regime muçulmano estabelecido no país do Oriente Médio. O placar, de 2 a 1 para o Irã, não foi suficiente para classificar a seleção para a outra fase. Os Estados Unidos também não avançaram. As negociações entre os dois países, muito menos.

Desde quando o Irã anunciou a compra de urânio enriquecido, potências ocidentais têm se mostrado preocupadas com a possibilidade da fabricação de armas nucleares. O país é considerado uma das principais nações inimigas dos EUA, assim como a Coreia do Norte – sob o comando político do ditador Kim Jong-Il –, que este ano disputa a Copa.

A participação do país na Copa de 2010 é marcada por sua atual situação política. Sob regime socialista, a nação, hoje, também faz parte da lista negra norte-americana pelo anúncio de fabricação

de armamento nuclear. Recentemente, as duas Coreias trocaram farpas e acusações por causa de um navio sul-coreano afundado por um míssil de origem ainda desconhecida.

Em 1966, quando a competição mundial foi realizada na Inglaterra, o país sede ainda não legitimava o governo norte-coreano de Pyongyang, e recusou-se a deixar os jogadores a entrarem no país. Mais tarde, a situação foi resolvida pela Fifa, que conseguiu autorização para que a equipe asiática desembarcasse no país.

Depois de 44 anos, a Coreia do Norte conseguiu a classificação para outro mundial. Por conta da pouca abertura e liberdade que se dá no país, pouco se sabe sobre os jogadores ou a forma de atuar da equipe. Mesmo assim, a passagem da seleção norte-coreana para além das fases de grupo é uma missão quase impossível, já que caiu no chamado “grupo

da morte”, ao lado do Brasil, Costa do Marfim e Portugal.

Caso passem de fase e os sul-coreanos também consigam igual façanha, as equipes podem se enfrentar. As Coreias disputariam uma das partidas mais emblemáticas da história das Copas. Apesar das probabilidades ínfimas de realização dessa partida, não seria a primeira vez que países “irmãos” se cruzariam em um mundial.

Na copa de 1974, realizada na Alemanha Ocidental, a seleção anfitriã, capitalista, e a irmã socialista, a Alemanha Oriental, enfrentaram-se em um jogo em Hamburgo. Os germânicos ocidentais tinham jogadores famosos como Franz Backenbauer e Gerd Müller – artilheiro de todos os tempos da seleção –, enquanto os orientais não tinham nomes de destaque. Mesmo assim, a seleção comunista venceu pelo placar mínimo, com um gol de Jürgen Sparwasser. O jogador, em todas as suas 48 partidas pela seleção, marcou apenas 14 gols. Um fato curioso é que, anos mais tarde, Jürgen desertou do país.

A derrota não abateu a seleção anfitriã, que se sagrou campeã em cima da Holanda. Com isso, a Alemanha Ocidental tornou-se a primeira campeã a levantar o novo troféu do Mundo da Fifa. Anteriormente, a taça recebia o nome de Jules Rimet – que foi entregue ao Brasil, devido ao terceiro título mundial conquistado pela seleção canarinho, já que o regulamento previa que o país três vezes campeão levaria a taça em definitivo.

Em 2010, com craques por todos os lados, a Copa do Mundo pode sofrer um dos maiores revezes da sua história. A torcida é para que, ao contrário do que prega a frase dita pelo grupo terrorista, os jogos sejam ao som de gritos de gol ao invés de bombas explodindo. Que a ameaça seja apenas uma “brincadeira de mau gosto” e que todas as divergências entre países possam ser acertadas dentro do campo. Onze contra onze.

## Nazismo, facismo e ditadura militar nas Copas do Mundo

A Copa de 1934, a segunda da história, foi marcada pela propaganda política. O país sede, a Itália, encontrava-se sob regime fascista, liderado pelo ditador Benito Mussolini, que viu no mundial uma chance de enaltecer seu governo. Antes do início da competição, o general Giorgio Vaccaro, membro da milizia e presidente da Federação Italiana – nomeado pelo próprio Duce –, discursou aos jogadores: “O principal objetivo deste campeonato é demonstrar que o esporte fascista é movido por um grande idealismo, manifestado pela responsabilidade dos seus dirigentes e pela maturidade do seu povo, sob a inspiração do Duce.”

A equipe anfitriã contava com o reforço de quatro jogadores argentinos e do brasileiro Anfilogino Guarisi, que foram naturalizados para a disputa da competição. Além do apoio da fanática torcida, os italianos contaram, também, com o auxílio da arbitragem – a Fifa, depois da Copa, expulsou dois juizes do quadro da federação.

Depois de bater os Estados Unidos por 7x1 na estreia, a Itália enfrentou, em um jogo considerado como a final antecipada, a seleção es-

panhola pelas quartas-de-final. Depois de um empate em 1x1 no tempo regulamentar e na prorrogação, as duas equipes se cruzaram novamente no dia seguinte, já que, na época, não havia o desempate por pênaltis.

Após muita reclamação dos espanhóis, que tiveram dois gols supostamente legais anulados nesse segundo encontro, os italianos avançaram para as semifinais – passando pela Áustria – e, posteriormente, sagraram-se campeões sobre Tchecoslováquia, que também questionou a atuação do árbitro, Ivan Eklind. Após a conquista, o técnico italiano, Vittorino Pozzo, declarou que “Foram necessários homens de tempera especial para batê-



Benito Mussolini: dono da Copa do Mundo de 1934

los, fortes e confiantes como só o fascismo pode criar”.

Na Copa seguinte, em 1938, realizada na França, a Itália, ainda comandada por Pozzo, conquistou o bicampeonato, em um mundial novamente marcado por tensões na conjuntura política internacional. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial – que impediu a realização das copas de 1942 e 1946 –, a Alemanha invadiu o território da Áustria, tornando os dois países um só. Os bons jogadores austríacos foram incorporados

à seleção da Alemanha que montou uma equipe forte, candidata ao título.

Mesmo assim, o combinado de alemães e

austríacos foi eliminado nas oitavas, desclassificado pela Suíça. O principal atacante da seleção da Áustria, Matthias Sindelar, recusou-se a jogar pela equipe da Alemanha por ser declaradamente contra o nazismo. Situação semelhante ao craque holandês Johan Cruyff que, em 1978, boicotou o mundial por causa da ditadura militar que vigorava na Argentina.

Mesmo sem seu melhor jogador, a Holanda conseguiu chegar às finais contra os anfitriões argentinos, que conquistaram sua primeira Copa do Mundo, em um campeonato que entrou para história por uma manipulação de resultado: precisando vencer o Peru por uma diferença de, pelo menos, quatro gols para se classificar, os argentinos acabaram vencendo o jogo por 6x0. Anos depois, o goleiro Ramón Quiroga, argentino naturalizado peruano, declarou ter havido suborno por parte das autoridades argentinas para que o Peru entregasse o jogo.

Rafael Hertel e Felipe Sato  
hertel.rafael@yahoo.com.br  
sato0@hotmail.com



## Cornetas malditas, falso patriotismo e jornais monotemáticos irritam os brasileiros que tentam fugir da Copa

No dia 15 de junho, o Brasil entra em campo para o seu primeiro jogo na Copa de 2010. A partida é contra a Coreia do Norte, três e meia da tarde no horário de Brasília. Enquanto a seleção enfrenta os norte-coreanos na primeira fase do mundial, aqui, no Brasil, o povo faz sua parte torcendo. Escolas liberam os alunos para ir mais cedo para casa, chefes dispensam os empregados, e todo mundo vai vestir a camiseta verde e amarela, grudar na televisão e torcer pelo Brasil.

Bem, não exatamente todo mundo. Mesmo no país do futebol podemos encontrar aqueles que não gostam do esporte e são totalmente indiferentes ao mundial. Renato Lima, 24 anos, de Natal (RN), é um deles. "Não assisto a nenhum dos jogos da Copa, nem mesmo aos do Brasil." Dono de uma comunidade no orkut que reúne pessoas com esse mesmo desinteresse, Renato diz que não vê problemas no esporte em si, mas sim na maneira como ele afeta a vida do brasileiro. "A Copa é uma época de caos. O Brasil inteiro se esquece de que é um ano de eleições e prefere se mobilizar mais por um time do que pelo próximo presidente. Como vários estão desacreditados nos seus políticos, preferem confiar em onze jogadores, como se eles fossem resolver todos os problemas do país."

Marianna Straccialini, 20 anos, de São Paulo (SP), tem uma opinião parecida. "Para mim, a parte mais ridícula da Copa é o falso patriotismo", ressalta. "Aqueles que antes falavam mal do país e que se pudessem já teriam ido morar bem longe daqui agora agitam bandeiras enquanto gritam com todas as forças que 'é do Brasil.' Mas e se o Brasil perder? Ele continuará sendo o 'péssimo' lugar para se morar que as pessoas crítica-

vam antes de os jogos começarem."

Outra coisa que irrita quem não é fã da Copa é sua onipresença. Um ano antes do início dos jogos, reportagens já estão sendo feitas a respeito. Conforme o campeonato se aproxima, a publicidade se torna monotemática, as pessoas só falam nisso, e para onde quer que se olhe há bandeiras do Brasil e camisetas da seleção. "Eu não vejo sentido em ser tão fanático por uma coisa dessas", diz Marianna. "Fico com raiva nos momentos pós-jogo, quando sou obrigada a ouvir a comemoração dos torcedores do time vencedor, que acreditam ser muito necessário ficar horas e horas seguidas buzinando, tocando uma maldita corneta e soltando rojões." Fabrício Franco, 26 anos, também de São Paulo (SP) e igualmente desinteressado por futebol, acha difícil escapar das transmissões dos jogos. "O resto da minha família adora. Eles se reúnem para assistir aos jogos, fazem festinhas quando o Brasil ganha. Às vezes acabo participando, para não ser tão antissocial e para comer salgadinhos", brinca.

Mas nem todos os esportes desagradam aos que não são fãs de futebol. Renato diz que, pela diversidade de esportes, prefere as Olimpíadas à Copa. "Gosto de assistir basquete e vôlei, principalmente os femininos, porque acho que as mulheres têm muito mais raça do que os homens. Isso até mesmo no futebol."

"Eu acho esporte extremamente importante", complementa Marianna. "Não acho que devam parar de jogar futebol ou mesmo de torcer; só acho que as torcidas não deveriam exagerar tanto. Além disso, também acho que devíamos dar mais atenção para outras modalidades. O Brasil é bom em muitos esportes, não só no futebol."

### Uma Copa no Brasil

O maior sonho de quem é fanático por futebol é viajar para o país-sede da Copa e assistir às partidas ao vivo. O maior pesadelo de quem não gosta da Copa é ter uma acontecendo ao lado de casa. Para os brasileiros que não gostam de futebol, o maior pesadelo vai se realizar em 2014. O Brasil será o país-sede da 19ª Copa, e os jogos devem se realizar em 12 cidades.

Mas as opiniões se dividem até mesmo entre o grupo dos não-fanáticos. "Achei uma boa notícia saber que teremos uma Copa no Brasil", diz Fabrício Franco. "Não assistirei a nenhum jogo, mas penso nos investimentos que serão feitos em transporte, infraestrutura... Esses trarão vantagens que vão durar além do ano da Copa."

Renato Lima discorda. "O Brasil sabe que tem poucas condições de sediar o mundial. Na época em que Natal foi escolhida como uma das sub-sedes, eu até pensei que isso poderia trazer mais desenvolvimento para a cidade, mas hoje, voltando à realidade, vejo pouca coisa sendo feita nesse sentido."

Neste ano de 2010, fugir da Copa é difícil, mas não impossível. Fabrício Franco planeja ir ao cinema – se não estiver fechado. Renato Lima quer aproveitar para ver séries – se o barulho da torcida dos vizinhos deixar. Marianna Straccialini, estudante de fotografia, vai fotografar o centro de São Paulo, abandonado enquanto os jogos são transmitidos. Tudo certo enquanto a Copa estiver lá na África do Sul. Mas, para a Copa de 2014, é bom eles começarem a pensar em planos mais eficientes.

Marina Martini Lopes  
marinamartini@gmail.com

### Crônica

## Amor, bebe essa cerveja...

O cenário: Um bar razoável, mais para capenga do que razoável, mas era perto de casa. A cerveja nem era tão barata, mas a batata era boa e o garçom já era amigo. Eu, meu namorado e mais uns cinco amigos dele, todos homens, reunidos numa mesa amarela da Skol para quatro pessoas. O assunto: futebol. Mais especificamente, a Copa do Mundo.

- Pô, o Dunga se superou. Velho, o Kleberson, o Kleberson!

- É, eu não esperava outra coisa do Dunga. Mó turrão, cabeça-dura. É a seleção mais sem graça desde 90.

- Mas o Kleberson, velho. Tive que entrar naquela comunidade "Kleber-son doe sua vaga". Ele é muito ruim, velho.

- E o Ganso meu? Ele e o Neymar eram obrigação!

Ganso, Dunga... Futebol é uma coisa engraçada. É claro que eu já tinha ouvido falar no Dunga, talvez não nesse Dunga, o técnico, mas achei que não estava assim tão por fora do assunto. Numa situação dessas, em que você é a única mulher na roda e, além disso, é a namorada de um deles, você tem que mostrar que está ligada, tem que mostrar o quão boa namorada é. Imagina, além de linda e inteligente, também gosta de futebol. Foi aí que tive a grande ideia de participar da conversa:

- Amor, por que o Ronaldinho não foi convocado?

- Ah! O Dunga não gosta dele. Disse que ele não tava comprometido com a equipe. Mas eu acho – ele disse, virando-se para os demais da roda – que o Dunga tinha que chamar o Ronaldinho Gaúcho. Mesmo não jogando tudo o que pode, ele ainda é melhor do que os outros. E meu...

- Não, amor – o interrompi, tocando no braço – perguntei do Ronaldinho, o fenômeno.

- Ah! – disse ele, jogando a mão pra cima e em seguida alcançando seu copo de cerveja – o Ronaldo! É Ronaldo, não Ronaldinho. Ronaldinho é o Ronaldinho Gaúcho.

- Mas antes do Ronaldinho Gaúcho, o Ronaldo era chamado de Ronaldinho.

- É, mas não é mais.

- Por que não?

E, dando-me um olhar meio decepcionado, meio chocado, querendo dizer "não acredito que você tá perguntando isso", disse:

- Aqui, amor, bebe essa cerveja.

Ok. Então talvez eu não estivesse assim tão por dentro do assunto. Na verdade, nunca dei muita importância para o futebol. A não ser aos domingos e quartas-feiras, quando meu namorado me deixa em casa e vai assistir aos jogos no Josias. "É que ele tem SporTV, amor". Sei. Mas o fato é que, até esse momento, Neymar e Kleberson eram apenas mais uns desses jogadores com nomes estranhos. Mas a Copa do Mundo está aí, e meu na-

morado lá – no Josias. O jeito é arrastar as calças e sentar a bunda na cadeira: menos de uma semana para entender tudo de futebol.

"Os centrais ou zagueiros têm a função de ajudar o guarda-redes a proteger a baliza, tentando desarmar os atacantes adversários." Guarda-redes? Baliza? Acho que o nikkeyweb.com.br não é a melhor fonte. Wikipédia, só restou você: "Esquema tático 3-5-2: é o segundo mais utilizado atualmente. Possui um meio-campo com 2 volantes e 2 laterais avançados, sem a obrigação de marcar, sendo denominados alas. Também possui dois centroavantes que recebem bolas cruzadas na área pelos alas..." Uhum. Uhum, certo, acho que entendi. Então o 3-5-2 é uma opção mais defensiva que o 4-4-2, já que tem um jogador fixo a mais na defesa, o zagueiro, que é aquele carinha que fica mais no fundo, entre a linha do meio de campo e o gol. Os laterais foram colocados mais para frente, e nesse caso são chamados de alas. Ah, sim. O volante é o cara que faz a ligação entre a defesa e o ataque, anula as jogadas ofensivas do time adversário, sendo que para isso é importante que o jogador se garanta na marcação, mas também precisa ser bom de investida para puxar o contrataque.

Aos poucos, e com a ajuda de alguns amigos, as coisas começavam a fazer sentido. Então o Kleberson – volante que, no Flamengo, foi mandado para a reserva – não era tecnicamente ruim. Estava apenas numa má fase. Diferente do Hernanes, do São Paulo, que tem um chute muito bom, está numa boa fase – tanto na marcação como no apoio ao ataque –, mas que o Dunga resolveu ignorar.

O cenário: o mesmo bar, mais capenga que razoável, onde a cerveja nem era tão barata, mas a batata era boa e, o garçom, amigo.

- Tô com o Josias. O Ganso era uma das melhores opções do Dunga. É um cara que tem consciência do seu papel no time, sabe? – eu disse, enquanto passava catchup na batata.

- Ah, para! Injustiça mesmo é não chamar o Neymar – disse meu namorado, enquanto punha os cotovelos em cima da mesa, ao redor do copo.

- Amor, não viaja. O Neymar é muito cai-cai, super imaturo, tinha mesmo que ficar de fora.

- É, mas pelo menos um o Dunga acertou. Felipe Melo é o melhor jogador dessa seleção. – disse ele.

O silêncio.

E então, olhando-o meio decepcionado, meio chocada, querendo dizer "não acredito que você tá falando isso", eu disse:

- Aqui, amor, bebe essa cerveja.

Verônica Lemus  
ver.lemus@gmail.com

## Uma paixão inexplicável

Da mesma forma que todos os livros com a promessa de explicar o mundo que já vi por aí, “Como o futebol explica o mundo – um olhar inesperado sobre a globalização”, de Franklin Foer, também é um tanto pretensioso. Não desmerecendo seu valor de pesquisa, mas cá entre nós: a explicação cabe mesmo em um livro? Ou em dez? Ou em vinte milhões deles? Creio que não. Mas longe de querer apenas detonar a obra, prometo que vou parar por aqui.

Para aqueles que, como eu, não entendem muito do esporte – e menos ainda da história relacionada a ele – o conteúdo é, à primeira vista, chocante. Esqueça o conceito padrão de “país desenvolvido”, pois, no futebol, ser desenvolvido não significa ser melhor; muito menos, civilizado. A boa organização nas arquibancadas européias, por exemplo, com seus torcedores bem agasalhados e comportados, pouco diz sobre a índole daqueles que lá estão sentados. A selvageria recorrente em nossas partidas nada tem de extraordinária ou original. Ela acontece em todo o mundo e, frequentemente, sob aspectos muito mais sérios, enraizados em disputas profundamente ideológicas.

Que o futebol é, em vários aspectos, um reflexo da sociedade, todo mundo sabe. Foer, no entanto, através de sua pesquisa e contato direto com a realidade de alguns times e suas torcidas, conseguiu captar as imagens desse espelho e traduzi-lo em conexões palpáveis entre política e sociedade. O resultado foi um estudo sobre como o esporte explica, pelo menos em parte, a questão judaica, a corrupção dos cartolas nos clubes brasileiros, o *hooliganismo*, as guerras culturais nos EUA e outros seis temas que, aparentemente sem qualquer relação, sob a ótica do futebol, estão conectados.

Aí que entra a globalização – processo de integração econômica, social, cultural e política. Felizmente ou não, graças a ela, tendências e comportamentos foram importados de um país ao outro. Conforme denunciam os maiores críticos dessa “aldeia global”, isso fez com que muitos costumes fossem sufocados e desaparecessem. Foer, ao contrário, defende que, no futebol, ela proporcionou “alquimias culturais” nas escalões, e fracassou na tarefa de reduzir as culturas futebolísticas regionais. Muito pelo contrário, o autor diz ainda suspeitar que ela tenha aumentado o poder das entidades locais, que parecem fazer questão de reafirmar sua cultura, porém, nem sempre no bom sentido.

Ao longo do livro, realmente, em alguns casos, o que se observa é que a globalização, ao reforçar essa identidade, acabou por levar – e leva ainda hoje – os torcedores a agir como seres selvagens e irracionais. Não só por isso, mas em grande parte, a culpa da

“profissionalização” da violência em torno do esporte é de outras práticas popularizadas pela globalização: o *hooliganismo* e o *gansterismo*, originais da Inglaterra e EUA, respectivamente, são os mais explorados no livro.

Além das associações entre futebol e política, o livro traz algumas situações pelas quais o autor passou para ter acesso a entrevistas e assistir a jogos. Logo no primeiro capítulo, “Frank”, como alguns o chamam, narra o encontro tenso que teve com Krlje, uma espécie de mentor dos aspirantes a hooligan do Estrela Vermelha de Belgrado – time cuja torcida, nas palavras do autor, era “uma organização paramilitar de genocidas altamente eficientes”. Gente fina! Na reunião, o assessor sênior mal encarado obriga Foer a repetir quatro vezes a saudação de três dedos dos nacionalistas sérvios – o sinal da paz com o acréscimo do polegar, que “significa a santíssima trindade e a crença dos sérvios de que são seus mais autênticos representantes do planeta”. Mais tarde, o jornalista descobriria que o gesto não só possui esse significado, como também que, durante a guerra, os paramilitares forçavam muçulmanos e croatas a fazerem o mesmo antes de serem estuprados e mortos. Finíssima!

Como não é difícil deduzir, as partidas disputadas pelo Estrela Vermelha e seu maior rival, o Dínamo de Zagreb, eram tensas e imersas num clima de ódio. Se Galvão Bueno narrasse ao menos uma partida entre sérvios e croatas, em que massacres eram cantados sem pudor, aposto que não se incomodaria nem um pouquinho com o coro inocente dos torcedores brasileiros, que carinhosamente o mandam tomar naquele lugar sempre que têm a oportunidade...

No último capítulo, o autor defende seu país de origem, frequentemente acusado de empurrar goela abaixo o tal do *american way of life*, o estilo de vida americano, a todos os países. Há muita gente que não aceitaria uma tentativa sequer de justificar a imposição da cultura estadunidense sobre o resto do mundo. Pode ser que não haja mesmo justificativa. Mas Franklin nos mostra, então, o outro lado da história. Fala sobre o preconceito de que o esporte é alvo internamente – eles não só o desprezam como chegam a se mobilizar contra ele. O *lobby* anti-futebol em seu país é chamado pelo autor de fobia da globalização mas, segundo ele, é natural que tentem, a todo custo, preservar o beisebol e o futebol americano. Os EUA são o país que mais sofre com a perda de identidade nacional, e o futebol é um símbolo de que estariam “jogando no lixo a sua tradição para unir-se ao programa do resto do mundo”. Tudo bem. Desculpas aceitas. Mas se eles não vão ver a Copa, nós vamos! Felizes da vida, mesmo com o Galvão!

Mariana Porto

marianagbporto@gmail.com

## Diski Dance e músicas especiais contagiam com o ritmo da Copa

O continente africano é marcado pelas suas fortes tradições. As manifestações culturais são inspiradas tanto pela felicidade quanto pela tristeza. Mas, desta vez, as danças e músicas especiais estão lá para comemorar a alegria da primeira Copa na África.

A dança e a música fazem parte da história da África do Sul. O *Toyitoyi*, uma dança originária do Zimbábue, ficou famosa na época do *apartheid* pelo seu uso em protestos. Já o *Isicathamiya* é um estilo tradicional dos imigrantes e mineradores de origem Zulu. Diversos gêneros sul-africanos se desenvolveram como um meio de os mais variados grupos buscarem seu lugar e sua força em um país separatista.

Não é por menos que, em ano de Copa do Mundo, o país tenha criado uma dança oficial do campeonato. A *Diski Dance* foi lançada em uma propaganda do Departamento de Turismo da África do Sul, com o objetivo de divulgar o campeonato, e acabou virando uma febre no mundo inteiro. *Diski*, em um dialeto sul africano, significa futebol.

Os movimentos são inspirados em jogadas de futebol. Embaixadinha, dribles, toque de letra, cabeçada, entre outros. Tudo vira dança. Com uma bola imaginária e sem perdê-la, faz-se o jogo. Um dos passos da *Diski Dance*, por exemplo, é inspirado na *Table Mountain* (Montanha da Mesa), que fica na Cidade do Cabo.

### Música

Para cada Copa do Mundo existe uma canção-tema adotada oficialmente pela FIFA – e na África do Sul não é diferente. Quando se pensa no país, os ritmos já vêm à cabeça. Porém, a escolha da música não agradou aos sul-africanos.

A FIFA organizou um Álbum Oficial da Copa do Mundo, com 12 músicas. A canção da cantora colombiana Shakira, “Waka Waka”, é o hino oficial da competição. Mesmo com a participação do grupo sul-africano *Freshlyground*, a escolha causou polêmica no país pelo fato de ser uma cantora estrangeira. Além disso, o refrão é baseado em uma



Estudantes sul africanos ensaiam os passos da “Diski Dance”, lançada pelo Departamento de Turismo para ajudar a divulgar a Copa no país

música de um grupo dos Camarões, e não do país-sede.

Há uma outra canção, que não faz parte do CD oficial da FIFA, mas que está fazendo bastante sucesso nas paradas musicais do mundo inteiro. “Wavin’ Flag”, do cantor somali-canadense K’naan, foi adotada pela Coca Cola – patrocinadora da Copa – em um comercial cujo tema é a própria Copa do Mundo.

Há também a versão que mistura a canção em inglês com uma em portu-

guês, interpretada pelo grupo brasileiro Skank. Com o mesmo nome, a música toca de três a quatro vezes por dia na Rádio Atlântida de Florianópolis. De acordo com a assistente de programação da emissora, Bianca De Brida, essa versão tem sido bastante pedida pelos ouvintes.

Mesmo com a polêmica em torno dessas canções terem ou não características tradicionais sul-africanas, não restam dúvidas de que elas estão fazendo muito sucesso e ajudando a entrar

no ritmo da Copa. Elas foram feitas especialmente para o grande evento, porém, atingem também pessoas que não se interessam por futebol. Que elas são animadas, é fato. Resta saber se, quando for a vez da Copa no Brasil, teremos ou não músicas com nossos próprios ritmos.

Jacqueline Moreno

Yasmine Holanda

yasmineholanda@hotmail.com

# Os jogadores que desfilam nos gramados

Mesmo antes de serem divulgados os 23 convocados de cada seleção para a Copa do Mundo, uma polêmica já se instalava em alguns sites e revistas: quem seria o jogador mais bonito do campeonato. Algumas enquetes eram bastante democráticas, colocando, por exemplo, o argentino Carlitos Tevez como uma opção para muso. Gosto não se discute, mas se não tivessem nascido com talento para o futebol, alguns deles teriam reais chances de se tornarem modelos?

“Os jogadores acabam trabalhando como garotos-propaganda, fazendo comerciais, mas dificilmente serão modelos de passarela”, acredita Dina Noebauer, diretora da Ford Models Santa Catarina. Ela ressalta que são poucas as características em comum, além do porte físico esbelto, nas duas profissões. O estilo de vida é bem diferente: um atleta tem que ser mais regrado - dormir e acordar cedo, além de treinar o dia inteiro. “Modelo vive em festas, eventos. É difícil ter uma sessão de foto às 6 horas da manhã. Quando eu modelava, já saía de festa direto para uma sessão”; complementa César Moreira, diretor da Mega Model Sul. Ele avaliou onze craques que vão estar nos campos da África do Sul e apontou quais poderiam se dar bem nas passarelas e nas páginas de revistas (ver os quadros).

As diferenças entre modelos fotográficos e de passarela são o tipo de beleza e a altura. A moda pede uma beleza diferente, não a óbvia - isso é o que a publicidade procura - e altura média entre 1,83m e 1,90m, sendo que o ideal é 1,86m. “O desfile é para mostrar a roupa. As marcas trabalham geralmente com o número 40 masculino, não adianta ter um cara com 1,95 para ficar com a calça no joelho. Precisa ter uma harmonia corporal”, afirma Moreira.

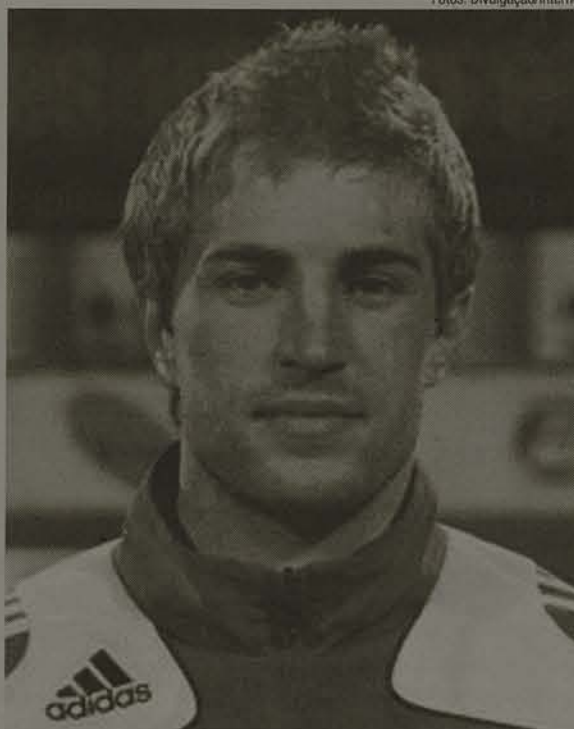
Por outro lado, é comum ver jogadores estrelando peças publicitárias. Em 2010, a grife italiana Dolce & Gabbana lançou sua nova linha de *underwear* com cinco jogadores da seleção italiana. A Armani tem a tradição de usar futebolistas: atualmente o português Cristiano Ronaldo estrela a campanha de roupas íntimas. David Beckham, Kaká, Luis Figo, Thierry Henry e Fabio Cannavaro também já foram clicados pela marca. Bonitos, mas nomes conhecidos.

Para quem não é famoso e não tem dezenas de empresas em seu encaixe, há basicamente três maneiras de ser agenciado. A primeira é mandar um email para a agência com fotos do rosto e do corpo, com o nome, idade e medidas. Não é necessário ter um book profissional, mas, se pré-selecionado, são feitas fotos mais elaboradas na própria agência. Outro jeito é mais pela sorte: cruzar com um olheiro - também chamado de *scouter* no mundo da moda. A má notícia, para os boleiros, é que os olheiros não costumam frequentar estádios. Eles podem, então, apelar para a terceira maneira, mais difícil, que é participar de concursos.

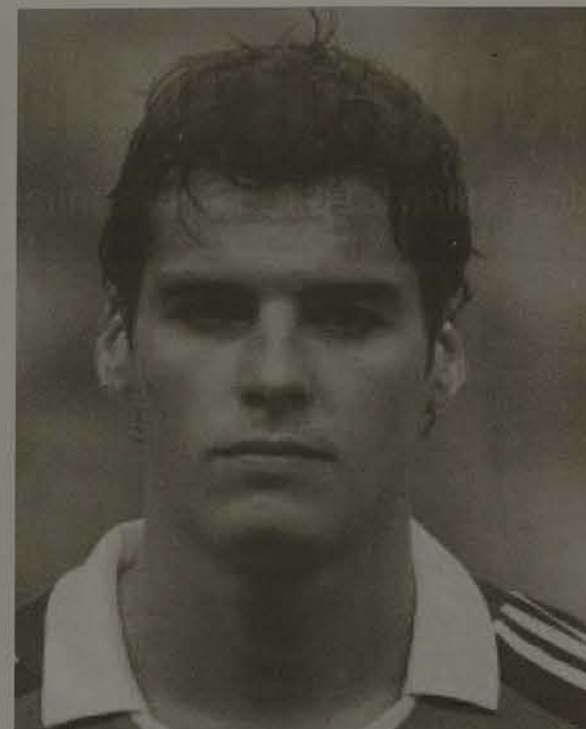
Moreira e Dina concordam que, para um modelo ser bem sucedido, precisa ter 50% de beleza e 50% de atitude, personalidade e carisma. Apesar de parecer pouco, é muito difícil chegar ao sucesso nesse mercado. Não passam de dez as tops brasileiras. “Eu conto mesmo cinco. Aquelas que chegam na Vogue e não precisam ser anunciadas”, afirma Moreira. Elas são poucas, mas todos conhecem esses nomes: Isabeli Fontana, Alessandra Ambrósio, Izabel Goulart, Adriana Lima e Carol Trentini. Já citar o nome de algum modelo brasileiro conhecido mundialmente é mais complicado. Seria o Kaká?

Fernanda Burigo  
fernanda@zero.ufsc.br

Fotos: Divulgação/Internet



Stanislav Šesták - 27 anos - 1,80 m  
Eslováquia - Atacante  
“É o bonitinho - toda agência precisa ter. Tem simetria, harmonia facial”

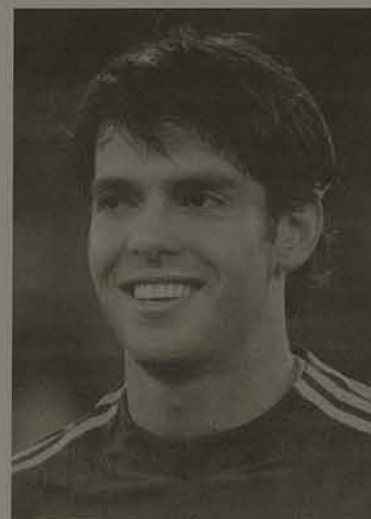


Yoann Gourcuff - 23 anos - 1,86 m  
França - Meia  
“Ele tem a altura ideal, idade boa e um rosto bonito. Faz o tipo sexy”



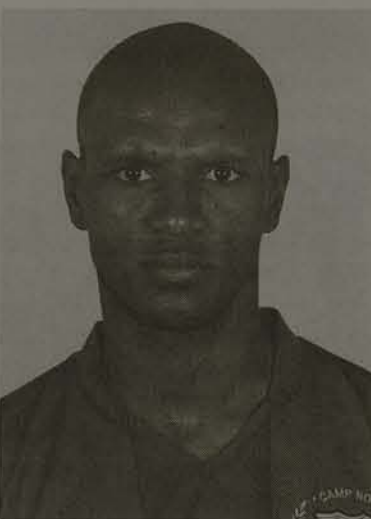
Cristiano Ronaldo  
25 anos - 1,86 m  
Portugal  
Ponta de lança

“Poderia fazer as duas coisas: passarela e publicidade. Mas ele é muito forte, e a moda pede uma magreza mais acentuada. Teria que emagrecer um pouco. Seria um ótimo modelo.”



Kaká  
28 anos - 1,85 m  
Brasil  
Meia

“Assim como o Šesták, ele tem simetria e harmonia facial. Apesar do seu envolvimento com a igreja, dele fazer de tudo para não ser carismático, ele é - e isso conta bastante.”



Eric Abidal  
30 anos - 1,86 m  
França  
Lateral-esquerdo

“Ele tem uma beleza diferente, muito forte. Além de também ter a altura ideal. Já que o mercado da moda é reduzido para negros, ruivos e asiáticos, faria trabalhos mais agressivos ou bem específicos.”



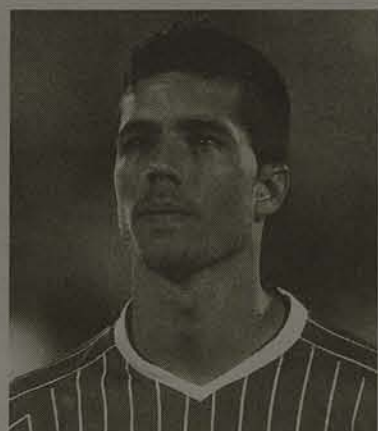
Claudio Marchisio  
24 anos - 1,79 m  
Itália  
Meia

“É o típico loiro, de olhos claros. Ele tem um nariz grande, mas isso é bom para homens. É a beleza óbvia.” Marchisio é um dos cinco jogadores que está na campanha de *underwear* da Dolce & Gabbana.

## rebaixados



Ahn Jung Hwan - 34 anos  
Coreia do Sul - Atacante - 1,78 m  
“É um pouco baixo, mas faz o tipo exótico. Teria algumas chances.”



Benny Feilhaber - 25 anos  
EUA - Meia - 1,75 m  
“Apesar da altura, poderia fazer comerciais, principalmente na área esportiva.”



Fabio Cannavaro - 36 anos  
Itália - Zagueiro - 1,76 m  
“Pela altura, só participaria de campanhas publicitárias.”



Sebastián Blanco - 22 anos  
Argentina - Volante - 1,68 m  
“Muito baixo. Impossível, ele não teria nenhuma chance.”



Thomas Sørensen - 33 anos  
Dinamarca - Goleiro - 1,93 m  
“É bonito, mas é um tipo comum - não tem um diferencial. Além de ser muito alto.”

# A moda da África para todo o mundo

Além do crescente reconhecimento no mercado fashion, a marcante cultura do continente inspira diversos artistas

De 30 de junho a 3 de julho, além da Copa do Mundo, Joanesburgo será o palco para 30 estilistas africanos mostrarem o design contemporâneo do continente na 2ª Africa Fashion Week (AFW). A data escolhida não é por acaso. A primeira edição coincidiu com a Copa das Confederações, em junho de 2009, uma estratégia para aproveitar mídia, celebridades e convidados do Mundial. À primeira vista pode parecer sem sentido a ligação entre moda e futebol, mas os jornalistas que estão no país procuram também matérias sobre o que acontece fora dos jogos, principalmente no que diz respeito à cultura local – além dos próprios jogadores serem alvo dos paparazzis, suas esposas e namoradas são formadoras de opinião.

Já existiam outros eventos de moda, como o da Cidade do Cabo ou de Joanesburgo, mas esse é diferente por reunir as principais vozes no mesmo lugar, em um país. Para o presidente da empresa Africa Fashion International, Precious Moloi Motsepe, responsável pela organização, “a AFW é potencialmente a mais importante plataforma para a indústria da moda africana, sendo perfeitamente posicionada para promover estilistas africanos em nível mundial.” Este ano, serão mais de 30 estilistas de Guiné Bissau, Nigéria, Uganda, Botswana, Ghana, Somália, Tunísia, África do Sul, Moçambique, Estados Unidos e Reino Unido.

A marca radicada em Paris, Xuly Bet, que já vestiu muitas famosas como Grace Jones e Lauryn Hill, abrirá os desfiles. O line up conta com nomes sul-africanos de peso, como Mariamne Fassler, Errol Arendz, Stoned Cherrie e David Tlale, e talentos globais a exemplo da nigeriana Deola Sago, que tem fãs do naipe de Oprah Winfrey e Will Smith, e o atual queridinho de Rhianna e Lady Gaga, Laquan Smith, de Nova York. Também estarão presentes três ganhadores do Africa Fashion Awards 2009: Ituen Basi, vencedor do prêmio de estilista inovador, e Heni Este-Heijzen e Christie Brown, premiados estilistas emergentes. “O mundo continua o seu caso de amor com todas as coisas africanas, um ponto de referência, não um clichê e é muito importante que aqui na África continuem a apoiar isso”, diz o presidente da AFI.

As coleções serão apresentadas na passarela e depois estarão disponíveis para compra na primeira *fashion boutique*, que será lançada durante o evento como uma loja permanente especializada na moda africana do mundo inteiro. Além disso, haverá um seminário de dois dias e, para finalizar, dia 5 de julho acontece a entrega do prêmio Africa Fashion Awards.

A Africa Fashion Week mostra para o mundo grandes nomes do continente. Além de lançar talentos, a África é uma grande fonte de inspiração para o mundo e já faz tempo que está em evidência. Há 15 anos a África do Sul sediou a Copa do Mundo de Rugby, terceiro evento esportivo mais visto no mundo – perde apenas para a de futebol e Olimpíadas. O direito foi concedido por causa do fim do *apartheid*. Em 2006, após o anúncio da Fifa, as atenções ficaram todas voltadas para o país – que foi eleito o primeiro da África a sediar o Mundial. Na verdade, o interesse pelo continente como um todo cresceu. Às vezes o destaque é dado por motivos indesejáveis, como extrema pobreza, doenças, guerrilhas. Em outras, o tema é levantado por pessoas famosas, como aniversário de 90 anos de Nelson Mandela, em 2008, ou pelo pai queniano de Barack Obama. Por uma razão ou por outra, não é necessário muito esforço para se interessar pela tradição africana: é uma diversidade imensa de paisagens, costumes, crenças, línguas e etnias. Com a chegada da Copa do Mundo, precedida pela Copa das Confederações, os olhares se intensificam e esta cultura rica, com traços marcantes e alegres presentes nas cores vibrantes, estampas e batidas fortes, é ideal para estilistas, designers, músicos e artistas buscarem referências.

Na moda, o *look safári* foi criado pela primeira vez em 1968, por Yves Saint Laurent, que nasceu na Argélia e tinha uma casa no Marrocos. A grande peça era a *saharienne*, uma versão feminina do casaco que os soldados ingleses usaram na Guerra dos Bôeres na África do Sul. A *jaqueta* é cáqui, um pouco mais comprida, com bolsos

utilitários (onde os soldados guardavam munição) e amarração na frente. Desde então, foram feitas várias releituras do clássico, e a *saharienne* continua a influenciar a moda. Antes disso, YSL já tinha se inspirado nas suas origens em 1967, trazendo uma tendência mais tribal, com estampas de animais e acessórios de cobre e osso que vestiram as maldames da época.

De lá para cá, volta e meia percebemos alguma referência africana nos desfiles, como no verão europeu de 2009, quando obteve destaque nas passarelas e logo foi para as ruas. Depois da temporada internacional, foi a vez dos brasileiros recorrerem ao continente que faz parte de nossa miscigenação. No São Paulo Fashion Week, em janeiro de 2009, a Melissa trouxe para o seu *lounge* a artista sul-africana Esther Mahlangu, da tribo Ndebele, uma facção dos zulus. Esther se identificou com o hábito das meninas desta tribo de fazer pinturas coloridas e geométricas nas paredes das casas durante o inverno, quando não há chuva, e seus desenhos estamparam uma coleção da marca de acessórios de plástico.

## Tendências

Durante as estações seguintes a tendência ainda permaneceu e, há menos de um mês da Copa, os eventos da moda brasileira – Minas Trend Preview, Fashion Business, Fashion Rio – confirmaram que a África está muito em alta. O verão 2011 de Walter Rodrigues, no Fashion Rio, representa bem isso. O casting foi só de modelos negras, que traziam chapéus como se fossem turbantes, faixas enroladas na cintura, muitos colares, pulseiras e detalhes artesanais, desenvolvidos também em parceria com a associação de costureiras de Quipapá, cidade na zona da mata de Pernambuco. Na reta fi-

nal entraram duas “guerreiras” tribais, com macacões cheios de aplicações que remetiam à pintura corporal africana. O estilista trouxe uma visão do continente africano e da África que está no Brasil, reforçando a ideia de um “continente universal”. Existe a teoria da Pangeia, se-

gundo a qual África e Brasil eram um só e, por causa da escravidão, muitos costumes africanos foram incorporados à miscigenada cultura brasileira – o *candomblé* é um exemplo disso. Essa união entre África e Pernambuco exemplifica a nova releitura para o próximo verão, mais brasileira: o africanismo vem com uma pitada de brasilidade.

Além disso, a última Casa Cor São Paulo, mostra que lança as principais tendências em arquitetura, decoração e paisagismo, traz também o perfume afro, visto nas estampas de animais em tapetes e almofadas, móveis rústicos e objetos de arte. O designer de interiores Fábio Galeazzo, conhecido por seus projetos sustentáveis, explorou bem o tema em seu Terraço Gourmet ao trazer uma África *eco-chic*.

Na música, o tema da Copa, Wavin’ Flag, feito pelo cantor de Hip-Hop K’Naan, nascido na Somália, está entre as mais tocadas da rádio. Podemos perceber a percussão africana em novas bandas como Vampire Weekend. Formado em 2006, o quarteto lançou o segundo álbum em janeiro deste ano e, em apenas duas semanas, com 124 mil cópias vendidas, *Contra* atingiu o primeiro lugar da lista dos 200 melhores EPs e álbuns dos Estados Unidos publicada semanalmente pela revista Billboard. Foi o 12º disco distribuído de forma independente no topo deste ranking desde 1991.

Desfiles Verão 2010, no AFW: David Tlale, Ituen Basi, Christie Brown e Heni Este-Heijzen; Walter Rodrigues / Verão 2011; Yves Saint Laurent/Verão 2002

Ana Clara Montez  
aninha\_montez@gmail.com

# FutebolArte

Texto: Bruno Volpato  
bruno.volpato@zero.ufsc.br  
Ilustrações: Nathale Fragnani  
nath4le@hotmail.com

## 1994



O **sangue e suor** jorraram na Copa disputada sob o sol do meio-dia num país que tem seu próprio futebol, jogado com uma bola oval: os Estados Unidos, terra de **Jackson Pollock** que pintava com qualquer coisa que não fosse um pincel. A tinta escorria por seus instrumentos formando imagens que tinham vida própria, buscando reações e não compreensão. Como reagiu Leonardo a um puxão do americano Ramos, quebrando-lhe um osso facial com uma cotovelada. Como reagiu o espanhol Luis Enríquez, com o nariz quebrado e ensanguentado, mostrando-o ao árbitro que ignorou o pênalti cometido pelo italiano Tassoti. E como reagiu um bêbado colombiano em Medellín, ao matar com 12 tiros o zagueiro Escobar, após este fazer um gol-contrá que eliminou seu país na primeira fase.

## 1966



A **Swinging London** era o lugar para se estar do meio para o fim dos anos 60. Hordas de artistas de todos os níveis de talento e pretensão se encontravam nas calçadas, estúdios e lojas da King's Road, em Chelsea, em ponte aérea com Nova York. A Copa do Mundo não podia ficar de fora e foi para casa dos inventores do futebol em 1966, que ainda acharam por bem ficar com a taça. **Arbitragens** controversas garantiram poucas dificuldades aos anfitriões: até hoje não se sabe se o terceiro gol inglês foi realmente um gol de verdade. Mas, afinal, o que é um gol? Quem define? De qualquer forma, a Inglaterra teve seus **15 minutos de fama** na história dos mundiais.

## 1986

Uma bola despretensiosa sobe aos ares na área inglesa. **Diego Maradona**, 1,63m, vai dividir no alto com o goleiro Peter Shilton, 1,85m. O vencedor da disputa seria previsível, se Diego não tivesse resolvido desafiar as leis formais da física e do futebol, socando a redonda em direção ao gol. O árbitro valida o lance, provavelmente pela influência do **surrealismo** em seu trabalho: o pescoço de Maradona se esticou, oras! Ou isso ou considerou que Deus deu uma mãozinha. O surreal voltou a agir minutos depois, quando o camisa 10 argentino dominou a bola antes do meio-campo e, escurteu por 60 metros entre 6 defensores ingleses em 10 segundos. Maradona tinha vingado às Malvinas. Ele ainda levaria sua equipe até a final, onde bateu a Alemanha Ocidental por 3 a 2. Sim, ele é somente ele. Mas futebol não é um jogo coletivo? Para Maradona, nada era impossível.



## 1998

A última Copa do século 20 mostrou ao mundo uma nova França, multiétnica. Alguns dos maiores destaques do time da casa eram imigrantes ou descendentes de imigrantes das antigas colônias espalhadas pelo globo. O filho de argelinos **Zinedine Zidane**, foi o nome da competição, marcando dois gols na final contra o Brasil. Negros, árabes e caribenhos formavam a **nouvelle vague** do futebol e da sociedade francesa. Três décadas antes, nomes como Jean-Luc Godard e François Truffaut também tinham feito o mundo olhar a França com outros olhos: reinventaram o cinema, com novos estilos narrativos, rompendo com o óbvio e o tradicional. Viraram sinônimo de França, como Zidane.



## 1974

Treino, pré-condicionamento, repetição. A **Holanda** de Johann Cruyff foi programada para o futebol-total, revolucionando ao prescindir de posições fixas para seus jogadores, mas de forma ordenada. Alex de Large foi programado para conter seu ímpeto ultraviolento, prescindindo da diversão e do caos, mas sem seu livre-arbítrio. A perfeição era apenas superficial, como numa impecável casca de fruta que escondia uma máquina a corda. E a corda da **Laranja Mecânica** se esgotou na final contra a Alemanha Ocidental, ao entrar com uma de suas peças, Rob Rensenbrink, não curada de uma lesão. Já Alex estava curado. Ah, se estava.



## 1938

O mundo estava à beira da guerra, mas a Copa parecia não se importar: foi confirmada sua realização, na França. Só parecia. A Áustria desistiu de participar, após ter sido anexada por Hitler. Um grande entusiasta do esporte e das artes, tinha no filme Olympia a expressão máxima dessas duas obsessões nazistas. A diretora, **Leni Riefenstahl**, foi responsável por criações de reconhecido valor técnico e estético, que ajudavam a glorificar a raça ariana. A Itália de Mussolini foi campeã, também com sua cota de controvérsias: usou camisas pretas, referências fascistas, no jogo contra os anfitriões e, na final, teve uma suposta colaboração do goleiro húngaro, apavorado ao descobrir que Il Duce havia mandado um telegrama aos italianos dizendo **"Vincere o morire!"**.

